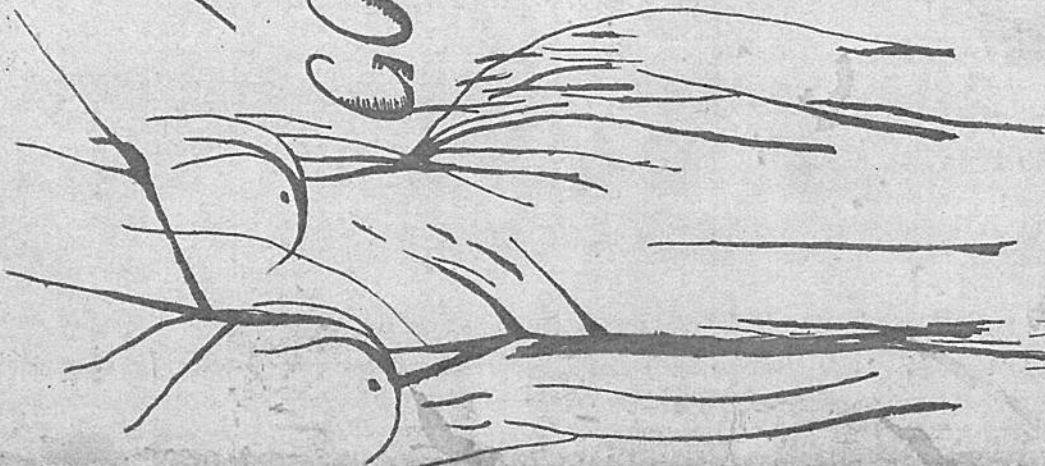


A GOIABEIRA DO QUINTAL



BELMIRA DE BAPTISTA ALMEIDA

A GOIABEIRA DO QUINTAL

1960

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA ALMEDINA

Arco de Alameda, 15 — Coimbra

CHOVE quatro meses e mais naquela aldeia. Num ano houve seca no meio da monção. Passearam o Santo António e, após umas semanas, choveu até se ouvir dizer que as águas dariam cabo das sementeiras. Os pescadores da aldeia demoraram a lançar para o alto mar as embarcações de cavalas e, mesmo para a pesca no rio só se faziam os mais afoitos. Fome por fome, andavam naquilo em todos aqueles anos de guerra. Pensaram bem e viram que a calamidade era um rombo na produção do Batcar. Encomendaram-no ao diabo, para que lhe rebentasse o papo da fartura dos anos anteriores, e puseram-se ao fresco, sem se importarem mais com as devoções para acalmar o tempo.

A Batcan Felicidade, a mulher do Batcar, é que se lamentou muito e fez promessas a todos os santos.

— Olhe como «ele» abana as árvores! A goiabeira com o casco à mostra vem abaixo com certeza. Deus queira que não lhe aconteça nada... — queixou-se ela, algo preocupada, ao alfaiate, que se encontrava ao pé a trabalhar.

— Disse bem. Não lhe invoque o nome porque atíça com mais fúria. Que leve consigo a chuva!, dizem que enxuga o aguaceiro, — Sugeriu o alfaiate.

— Está-se mesmo a ver. Lá nas terras o açude desabou com a enxurrada das águas. O Batcar que não vive senão para elas abalou imediatamente de casa e, vai para dias, nem sombra dele, logo agora que há tanto para fazer aqui. Não sei como dar cabo do trabalho. Uh!... Que tormenta!

— Ora que isto!

— Jesus! Santa Bárbara!

Felicidade avançou em direcção ao alfaiate. Apagou-se a luz do candeeiro de petróleo e ela apenas teve tempo de chegar com as mãos à saia entufada.

— Acenda a luz, Deuji!

— Não consigo. Olhe... Ah!... Vê? Não há maneira.

— Feche a janela!

Deuji não se mexeu. Parecia embaraçado. Ela então desafiou o sopro duro que lhe turvava a visão das coisas e tacteando conseguiu alcançar o parapeito da janela. Debruçou-se para agarrar os batentes e, por momentos, ficou com o peso do tronco unicamente apoiado nas mãos. O alfaiate foi em seu auxílio. Mas qual o quê? Num puxão violento reuniu as forças e cerrou a janela. Baixou o ferrolho e caiu redondamente no parapeito.

Intimidado com o desembaraço da mulher, Deuji levou tempo para assimilar o silêncio e a escuridão e só passados minutos lembrou-se de acender a luz. Afastou com o pé vários apetrechos de costura que lhe obstavam a passagem e retomou o lugar na esteira de bambu, sentando-se com as pernas cruzadas, em frente de uma máquina de coser à manivela.

— Avie-se com isso, rapaz, não há tempo a perder!

— Eu não estou parado.

— Recebi outra carta do meu filho. Chega dentro de dias e sabe Deus por onde se há-de começar para trazer a casa em condições de o receber. Não me embostaram a cozinha nem moeram o trigo. A Abolém esteve cá a fazer isso mas largou o trabalho a meio. Calcule que lhe vieram dizer que a vaca da Rosu leiteira tinha parido. Enfiou-se porta fora e deixou-me a cozinha num chiqueiro. Os caiadores prometeram arranjar o muro do quintal e o frontespício da casa e, até hoje, nada. Vejo erva crescida em todos os cantos do quintal, o desastre do açude... Ai!, e esta goiabeira gemendo que até mete aflição...

Num ritual que a natureza lhe impõe todos os anos, a árvore ofertava-se em sua nudez, no meio das outras bem copadas, ao fustigar do vento e da água. Felicidade ouvia-a a contorcer-se ali ao pé e, com o sentido naquele seu colear incessante, exclamou:

— O corpo nem sempre aguenta, Deuji! Muito se faz e tenho eu feito. Parece até que ganhei forças extraordinárias.

— A sua geração pode bem competir com a nossa. E então com esta carestia de arroz! Se me pudesse dispensar algum mais valia do que o dinheiro.

— Arroz! Olhe que também estamos mal quanto a isso. Com o filho, a nora, os criados, parentes e visitas, faça lá ideia das bocas que aumentaram!

— Lá em casa os meus catraios apanharam uma erupção terrível das papas de milho.

— Não diga!, deve ser falta de purgante.

— Antes fosse mas não é nada disso. Deus faz as comidas conforme as terras e a nossa é o arroz.

— As chuvas, o precalço do açude que danificou as várzeas, não sei como nos vamos governar este ano.

— Se os proprietários se lamentam que dirão os outros como eu? Trabalhar, sim, mas à fome!? E este tempo assim, parece que até os céus conjuram...

— Oh, nem menos!

— Sabe que mais?, a guerra que dizem há lá fora, é um castigo.

— O mundo está torto, homem, mas veja bem: queixa-se de venderem o arroz a doze tangas a medida, e o preço do peixe e da hortaliça? Deite lá as contas às despesas da produção. Sabe por quanto nos fica o braço da lavoura?

— Se eu possuísse um bocadito de terra que fosse não estava aqui a trabalhar. O meu pai tinha razão. Mais vale cavar a terra do que outro ofício.

— Uns choram por uma coisa e outros por outra. O mundo não caminha direito. O padre Vigário ainda ontem na missa condenou o vestuário das senhoras. Imitam os figurinos estrangeiros. Lá fora fazem muita coisa mas cá para nós nem tudo fica bem.

Deuji interrompe o trabalho e fixa a senhora com um olhar duro:

— As vossas filhas pelo menos contam com quem as defenda. Agora as nossas? Isso quando falta a condição, a fome é muito má conselheira.

— Nem sempre! Vá lá que a minha está arruada, — observou Felicidade aparentando franca consolação — infelizmente não pode visitar o irmão. O marido não arranja licença.

— Onde está ela?

— Em Konpur, muito longe de Bombaim.

— Ah! E o filho e a nora demoram-se?

— Ora que pergunta! Depois de tão longa ausência...

— Podia ser que o emprego não o permitisse.

— Se eles quisessem, podiam viver do que temos e faziam-nos companhia. Precisamos tanto do auxílio deles!

— É verdade, quem mais tem menos o sabe aproveitar.

— Não temos muito mas dava para passar sem preocupações.

— Já não se conta com os rapazes como dantes.

— O meu, graças a Deus, saiu respeitador. Estudou muito e deram-lhe um belo lugar.

— A sua nora trouxe dote, Batcani?

— Os pais da noiva são de cá mas ela nasceu e cresceu lá fora.

— Dizia-se que, por causa do dote, os senhores não tinham querido o casamento com a filha da Vizinha.

— Agora essa! O meu filho viu-se de facto com um chuveiro de propostas e todas com dinheiro. Mas a filha dela... oh, a filha dela!... E não era só pela questão do dote. Sempre pensamos numa rapariga comedida e pacata, que se desse bem connosco.

Dessas que andam nos clubes a dançar com os europeus, não podia ser de forma alguma.

Felicidade pousa distante o olhar faiscante de raiva e acentua:

— Ela habituou as filhas a esses espaventos e queria ver se pescava nas águas turvas. O pai foi como foi...

— Parecia boa rapariga e falava com todos sem distinção.

— Distinção é o que menos possui a Mãe para dar. Tem uns modos de... (Santo Deus, até me vêm expressões à boca!).

— A família dela foi mesmo muito rica.

— Se foi! Desbarataram tudo. Água o deu, água o levou. O Batcar sabe a história toda e como aquele dinheiro foi ganho e espatifado.

— Mas têm nome e muita gente comeu naquela casa.

— Águas passadas! O pior é que agora essa mulher não se contenta com pouco e lança as redes a peixe grosso.

— Cada um tem as suas ambições.

— De acordo. Mas que não estrague o descanso aos outros.

— Dizia-se exactamente que a pequena se dava bem convosco.

— Isso foi a Mãe que andou a apregoar. Felizmente governamo-nos sem a filha dela. Oh, que língua de palmo e meio! Um bom traste é que ela é! Não me esquece: passou um dia de braço dado ao marido, então, logo nos primeiros tempos de casada.

Olhava-me de esquelha. Nunca gostei de exibições nem o Batcar está pelos ajustes. Trata-me como você sabe mas é avesso a uns certos modos. Chorei muito por causa disso. Ele e as suas terras. Priva-se mesmo do necessário para as valorizar. Os velhos meteram-lhe isso na cabeça. Repetiam-lhe constantemente: «há tesouros escondidos nessas terras; quanto mais trabalhada mais há-de produzir...». Fiquei saturada desses ditos.

— A velha sabedoria!

— Não haja dúvida que sabiam mais do que nós. Mesmo oprimidos com trabalhos e canseiras não duvidavam de certas verdades. Mas eu era nova e inexperienced quando para aqui vim. Fizeram-me acreditar as histórias mais estranhas acerca das pessoas que viveram debaixo deste tecto. Chorei, barafustei, quis-me revoltar. Céus! As histórias, sempre as histórias! Nunca mais me vi livre delas...

Deuji despega os olhos do trabalho e exclama, acenando afirmativamente a cabeça:

— Aqui está! A minha velhota costumava dizer que há uma diferença entre os «pequenos» e os «grandes». Os gráudos possuem bens, raízes, a que estão presos. Quem nada tem, não tem com que se preocupar.

— Será! Nos dias como este, de chuva e trovoada, metida neste casarão velho e sombrio, ao lado da minha sogra, ouvia-a contar... Confeccionava a colcha de trapos e ouvia-a contar... Enfiava zaiões e abolins e ouvia-a contar... Debruçada sobre o «vatli» de cobre, escolhia o arroz e as lentilhas e

ouvira-a contar... Delirava com as histórias. Deram-me alento e coragem. Endureceram-me?! Talvez. Doutro modo não seria capaz de enfrentar tudo o que o meu corpo jovem pedia então. Como é que se vive sem nos agarrarmos a certas ideias? Como pode essa bruxa viver ao sabor do vento? Nada a abala: a morte do marido, as privações, as filhas casadoiras. Eu morria de desgosto. Alma do diabo, a mim não me engana!

As últimas palavras da Felicidade foram abafadas por um trovão infernal que devassou os salões e os longos corredores da casa e morreu distante entre os outeiros que circundam a povoação. Ela susteve a respiração e fixou o olhar suplicante no alfaiate que também não aparentava calma. Pôs-se a rezar.

— Kyrie eleison! Christe eleison!... A goiabeira... vem abaixo pela certa. Porque será que só esta se desnuda assim todos os anos? O furacão há-de envolvê-la.

— Só esta, Batcani?

— Não há outra no quintal... Se ao menos o rapaz a visse no lugar em que a deixou!

Felicidade levantou-se e abriu cautelosamente a janela para espreitar o tempo e a goiabeira e descobriu a figura da cunhada. Chamou em altos berros:

— Ágata! Ágata! Céus, esta mulher nem sequer sente a chuva em cima de si ou quer festas à minha custa. Basta o irmão que certamente virá com alguma. Não há muitos dias dei-lhe fricções de aguardente e abalou sem ligar importância ao facto. O meu filho

que veja isto com os seus próprios olhos! Que se passa com aquela parva? Não me deixam nem por minutos. Pergunto se terei paz nesta casa para morrer.

Caminhou para a porta no intuito de ir ao encontro da cunhada Ágata que, no momento, vinha a entrar na sala de costura com um braçado de abolins e zaiões.

Metia impressão a sua figura esquelética de marfim avelhado. Abanou os membros aparentemente desconjuntados e estendeu as flores à Felicidade.

— Lembrei-me que as do oratório não tinham sido substituídas. Quer ter o incómodo de as enfiar? Gosto muito deste trabalho, a vista é que não me ajuda nada.

— Gosta muito mas eu não gosto e estou cansada. Não me tenho nas mãos depois de ter andado todo o santo dia a cirandar o arroz. Deixe-se de falinhas, ouviu? Ponha as flores aí naquela cadeira e vá-se enxugar já.

Felicidade empurra-a e atira-lhe com esta ainda por cima, não contente com os enxovalhos com que a alvejara.

— Veja lá se me quer arranjar alguma e pri-var-me de ir receber o meu filho!

— Eu... Não... Eu...

A pobre apertou a vontade que tinha de chorar e retirou-se mas voltou atrás — não seria ela a não proceder assim —. Aproximou-se da cunhada e lembrou-lhe:

— Olha, as flores estão aí. Logo cantamos a ladainha da Santa Ana.

— Que raio de mulher, vá-se enxugar minha santa! A minha paciência...

Felicidade impôs-se com uma meiguice afectada desta vez. Sempre que pode diminui a cunhada, de uma ou doutra forma, e vingava-se nela dos maus tratos que recebeu da sogra.

Ágata não se pode libertar daquela situação. Não se casou. Os pais não lhe destinaram noivo no intuito de beneficiarem o irmão com o dote que lhe cabia em herança. Criaram-na em estreito ambiente familiar e — quem sabe? — talvez por isso nunca tivesse sentido os imperativos do instinto. Não se enfada com semelhante sorte, se é que tem consciência dela. Apenas a carne, dia a dia, esfuma-se-lhe num poema de insondável significado.

Pela fresta aberta da janela entrou nova lufada de vento. Felicidade voltou a ficar receosa olhando para as sombras na parede oposta.

Se o Batcar estivesse, era óptima altura para achar quem a livrasse de cuidados. Os trabalhadores largaram a faina e a taberna devia abarrotar de gente. A troco de uns copos salvavam-lhe a goiabeira. Não, não podia deixar que a árvore fosse colhida. O filho teria profundo desgosto.

— É de muita estimação — explicou ao alfaiate — o meu rapaz andava sempre às voltas com ela e quando entrava em casa, ia direito a ela, antes de mais nada. Calcule aquela leoa entrou-me um dia aqui aos uivos, por a filha ter caído da árvore.

— Quem?

— Quem havia de ser? A peste da Vizinha.

A pequena andava a brincar com o meu garoto e os dois lembraram-se de trepar pela árvore acima. Faziam isso tanta vez! O meu passava horas empoleirado e dava-me sérios cuidados com os intestinos por comer goiabas verdes.

— Goiabas verdes! Vale a pena ser gaiato para se comer disso e assaltar os quintais vizinhos, e andar à solta como se quer e como apetece...

— Pois bem. Não sei como foi que a pequena se desequilibrou e estatelou no chão.

— Coisas que acontecem. Não me disse que os dois andavam a brincar?

— Felizmente a pequena não teve nada mas podia dar-se o caso.

— Se podia!

— Pois a Mãe parecia uma tresloucada e teve o atrevimento de vir pedir-me contas do que se passava. Filha da... Meu Deus!

Faz o sinal da cruz na boca e aproxima-se da cadeira onde se encontrava um dos vestidos confeccionados pelo alfaiate. Pega-o com ambas as mãos e mira-o de alto a baixo:

— Nunca vesti cores como estas. Era a velha que escolhia os meus vestidos e decidia sobre o que havia de trazer no corpo. Habituei-me ao gosto dela e confesso que desta vez custou-me a fazer esta escolha. Mas tenho de aparecer alegre e bem disposta ao meu filho. Que é aquilo em que está a trabalhar, Deuji?

— A camisa.

— Ah! Acha que fica bem assim? Não gosto do bordado.

— Não gosta?!

— Veja bem! Quero que fique uma obra de jeito. Pode ser que na minha gaveta dos restos haja algum pedaço de renda que diga melhor aí. Não posso deixar de contar com a minha falta de saúde. Vai acontecer muitas vezes receber o meu filho no quarto. Compreende... É preciso que me apresente bem. Eu sempre adorei ver-me entre rendas e folhos! Gostava realmente que a camisa ficasse como aquela com que tanto sonhei. O meu enxoval de noiva foi coisa pobre. Na altura já não viviam os meus pais.

Felicidade vai buscar a renda. O alfaiate fica só e levanta-se da esteira para desentorpecer as pernas. Tira um canudo detrás da orelha e põe-se a fumar e a dar passeios. Depois afasta o amontoado das roupas sobre a cadeira à Voltaire, a uns passos da esteira e aproveita a ausência da senhora para se sentar nela. Larga umas fumaradas e considera:

— Safa! Ainda fala na língua da outra. Todos aqui lhe prestam atenção — é o mal. O Batcar não o mostra abertamente mas deixa-se levar. É muito difícil negar seja o que for à mulher que dorme connosco. Pois é! Chegou o tempo desta nora. «Tempos de sogra e tempos de nora...» Grandes novidades se esperam nesta casa. Agora ninguém tem mão nela, ninguém, mesmo ninguém. E se lhe dá para embirrar com a camisa? Gaita! Para mim é capricho que rende. A minha Xiuntém ajeita o

pano ao corpo. Assim é que está bem. Esta inventa modas mas que seria de mim se não fossem elas?

Inclina o tronco e baixa a cabeça entre as pernas apoiando os braços nas coxas. Conserva-se assim muito tempo e de repente salta da cadeira impaciente: — Desmanchar o trabalho feito a esta hora? Não me paga mais por isso com certeza!

Traz a goela seca e a Xiuntém deve estar à sua espera. Mil macacos mordam a velha! Quem mandou a ele ser alfaiate das fidalgas? Tinha razão o pai. Se seguisse o seu exemplo e fosse agricultor como ele queria, pelo menos nunca lhe faltaria arroz que desse para a panela. Oh! E a Xiuntém, como ela não ficava!

— A velha morreu. Não posso com esta demora — exclama.

Crescem na parede as sombras agitadas. O pobre alfaiate não vê nelas senão o espectro da camisa para desmanchar àquela hora... a sede... o desejo de fugir dali. Não pode mais. Vai-se embora sem atinar no mau tempo lá fora.

*

*

O Batcar chegou encharcado até aos ossos. Subiu ao primeiro piso e foi para o seu quarto onde deu com a mulher. Esta viu-o e esqueceu-se do recado que a levava ali. Suspirou fundo e fingiu que ajeitava os panos de renda sobre a cómoda de pau preto. Ele por sua vez também não fez caso dela. Pôs-se

a andar de trás para diante com as roupas molhadas que trazia no corpo.

Felicidade suspirou novamente para o provocar a falar mas ele continuou no mesmo jeito sem dizer palavra. Ouviram nitidamente as ânsias do vendaval.

— Jesus, a goiabeira!... — Ela agarrou-se ao tampo da cómoda. As lágrimas corriam-lhe em fio pelas faces. Sentiu o marido escapar-se pela porta do quarto e desabafou num choro convulsivo:

— Não se importa comigo nem agora que o filho está para chegar.

Ágata surgiu no mesmo instante com uma toalha e dirigiu-se à cunhada:

— Senti o mano entrar para aqui. Deve ter apanhado uma valente molha. Faz bem em se enxugar quanto antes.

Felicidade cravou nela um olhar feroz e dominou os soluços.

— Ora se não havia de meter o nariz onde não é chamada!

— Pode constipar-se — explicou Ágata.

— Ah, pois! E então? Antes isso do que a senhora dar uma queda nesta escuridão. Não se importa, claro. Que a acarretem se quiserem!

O Batcar aproximou-se ao ouvir a alteração e desfechou o mau humor contra a irmã:

— Se tratasse de si havia menos que fazer nesta casa. Diz que não enxerga e só anda a deambular por todos os cantos.

— Não... eu... — Baixou a cabeça e estendeu a toalha que trazia na mão.

O irmão arrancou-lha e passou à frente para o quarto. A mulher seguiu-o. Animada com a cena, arriscou-se à insinuação do seu desejo:

— O vento está que pode dar com a goiabeira em baixo. Lá para a taberna deve andar quem lhe ponha as mãos para a suster com uns espedaços.

— Quê? — O Batcar afinou — Essa agora! Vês-me a escorrer água da cabeça aos pés e propões-me sair outra vez para a rua. E sabes perfeitamente que lá fora continua a chover. Que diabo se meteu agora na tua cabeça? A goiabeira?!

— O rapaz tinha desgosto se a visse por terra.

— O rapaz! E eu?

— Apãhaste molhas todos estes dias e não te ralaste. A terra é o único argumento que te faz arredar o pé.

— Pois não, ou queres que a largue ao desbarato? Terra dos meus avós!

— Do teu pai e do teu filho!

O Batcar fitou-a surprehendido e exclamou:

— Os teus intentos! E com isto nem dás conta de que ando há perto de meia hora com isto molhado no corpo.

Por trás do docel da cama ela viu esfumar-se a penumbra e surgir o fantasma da sogra: «aquele malandro do teu irmão comeu-nos o dote ajustado». Sentiu-se enfeitada naquela casa mas sufocou a tempo os velhos sentimentos que renasciam e com uma solidude estudada acercou-se do marido. Percebeu que não o convencia a sair à rua e ajudou-o a despir-se.

Enxugou-lhe a cabeça e foi-lhe buscar roupas quentes e umas alparcatas. Não conseguia, contudo, afastar o pensamento da árvore:

— Paciência! Não sou eu quem lhe pode chegar com as mãos. Ninguém escapa ao seu destino. Não estava escrito que seria este o meu homem?...

Evocava o conceito dos versos do seu mandô. Subiu-lhe pelo sangue acima uma onda de inquietação. Nos ímpetos do vento estreitando a goiabeira, julga ouvir a sonância da batuca que acompanha a canção. Cantara-a na festa do seu casamento, tal como lha tinham ensinado, entre cadências de palmas e exclamações de entusiasmo dos convivas que repetiam em coro o refrão, enquanto dançavam, homens e mulheres em filas distintas, alguns tão descontraídos que puxavam de lenços para o ar. Folgavam ébrios de prazer e alheios ao sentido da canção. Ela, porém, vigiava o momento. O eco daqueles versos recolhia às profundezas do seu ser. Dilatou a vista e reparou: dos espelhos pendiam ondulantes, festões de seda pura, rematados a veludo e bordado a galão, o tolôp das noivas do tempo retirado e amarelecido.

— Afinal foi assim sempre e pior para quem a sorte rejeitou um homem — reconsiderou Felicidade — Criei uma filha e aturo uma cunhada...

A COMADRE

NA CASA GRANDE vai uma grande azáfama. Felicidade está impaciente e não pára um momento. Pensa na Comadre: «Só aparece quando não é preciso»... Ouve bater à porta.

— O Correio.

— Ágata, o Correio!

Vai ao quarto buscar os óculos. Nada. Não os achou no lugar do costume.

— Os meus óculos! Ágata, os meus óculos? Onde estão os meus óculos? Só faltava isto, meu Deus!

Passava das dez horas. A Comadre não veio. Outra ralação.

— «É só quando lhe apetece. Precisava tanto dela!»

Andava para o mercado a apreçar o peixe.

— Quinhões de camarão, Comadre! — oferecem as peixeiras.

— Céus! Parece de véspera. O peixe leite?

As mulheres irritam-se:

— Vá para outro lado!

— Não é para as suas algebeiras!

— O filho da... que vá pescá-lo para si!

Berram e impõem as mãos a defender os quinhões de peixe, dispostos sobre tampos rectangulares de esteira de bambú que tapam os cestos.

O mercado da aldeia é um telheiro onde as vendadeiras esperam os fregueses, sentadas no chão ou em bancos de madeira muito baixos, à frente dos géneros expostos. Isto quando calha ou não há remédio porque existe outro local preferido e consagrado por gerações de vendadeiras — o Tintó — subtrai ao telheiro, construído para o efeito pela Câmara Municipal, todas as probabilidades de uma melhor ou pelo menos igual aceitação.

Levanta-se um borborinho.

— O fiscal!

As mulheres entreolham-se e fogem. Reagem à força do hábito. O homem, porém, vem com calma. Parece que anda a brincar aos laços de armar pássaros e, como nos jogos de crianças, conta com a presa certa. Nem mesmo soube assustar-se. Houve até quem ficasse à espera que se propusesse a repetição da cena.

— Oia! — comentou uma novata — Aquela não pagou a multa.

— A gente conhece-a, minha lorpa!

— Cale-se p'ra aí! Não tem nada com isso.

— Cale-se você que não falei para si.

— Olhem a safada!

— Quem? Ou julga que não sei do roubo dos crisântemos da casa da cerca?

— Sabe o «chofeur» que lhe dá as boleias. Eu ando a pé, minha rica!

— Também nós. Parta a cara à bruxa! — repetiu o coro.

— Ponham as mãos nela e vejam! — saltaram outras do lado.

— Porca!

— Ladra!

— Chame isso à sua mãe, ouviu?

A Comadre cheirou o escândalo e aproximou-se. Insinuou-se no meio do motim. No ar, um banquinho de madeira. Passou de raspão ao alvo e foi dar em cheio no lombo de um cão que andava a lamber o fundo de um cesto. O animal gemeu e afastou-se com o rabo encolhido entre as pernas.

Os pulsos ensanguentados dos cacos das pulseiras de vidro não desistem de investir. As mulheres arrearam os cestos e atiram-se umas às outras. Forma-se uma parede cerrada de espectadores. O espectáculo da luta corpo a corpo torna-se um grande centro de atracção na aldeia. Arrasta mesmo os velhos, os doentes e os entrevados.

As contendoras dão provas de grande força física, robustecidas na lida diária da moagem caseira dos temperos do caril e transporte de calções de água à ilharga; de feixes de lenha, galhos secos e folhagem que vão buscar aos outeiros; de cestos de peixe, de povo em povo.

Os homens viram-se obrigados a intervir na luta. Não tomaram partido. De contrário, envolver-se-iam a sério e, na melhor das hipóteses a questão iria parar ao regedor da freguesia. Barafustam os fracos e os combalidos. Só estes recorrem ao agente

da justiça pública. Os outros fazem-na por suas mãos.

Dispersaram as mulheres desgrenhadas. Não há para elas condição pior do que esta do cabelo em desalinho. Por isso, logo de manhã cedo, passam largo tempo ao umbral da porta da rua, penteando ao sol os longos cabelos, partidos ao meio, que depois amarram num puxo sobre a nuca. Sentem-se diminuídas. Levam os panos feitos em tiras e rasgões na blusa. Afastam-se como o cão rogando pragas.

A Comadre despegou-se do tumulto. Olhou em volta de queixo levantado, convencida de que contribuiria para serenar os ânimos.

O truque do fiscal é bem conhecido. Empalmou uma fiada de peixe grosso. Ela soube-o. Vai armar escândalo. As ingénuas aprendem; as outras deixam de fazer jogo com ele. Pode ser que às voltas tantas dêem cabo do fiscal e não apareçam mais fiscais desta ordem. Apesar de tudo é de duvidar que o Telheiro da Câmara ganhe pontos sobre o pousio tradicional das vendedeiras naquela aldeia.

*

*

A Comadre cerrou os olhos e considerou mentalmente a distância donde se encontrava à casa da Vizinha da Felicidade. «A bem ver fica-me no caminho» — convenceu-se. Pôs-se a andar. Quanto

mais pensava na cara que ela devia fazer com o regresso do filho da Felicidade mais galgava. «Vai ser um pratinho!»! «Com certeza está que nem um pimentão». Se não alcançou o trajecto em menos tempo do que o fez, foi porque não lhe escapou nenhum dos transeuntes conhecidos. Era superior às suas forças deixar de saudar e comunicar-lhes a notícia da chegada do rapaz. Muitos estavam vagamente informados dela mas não conheciam os portadores. E se os perdiam! — não se diga que não tem importância. A Comadre presta um bom serviço. No povo não há jornal nem qualquer posto transmissor de noticiário. A gente de lá não se presta a ler nem escrever. Aprendem na vida e na lida do mar. Dizem que lhe abriram uma Escola e foi nomeada uma professora. Não descansaram enquanto não a convenceram dos desconfortos da localidade. Ela safou-se ao segundo dia da sua aparição. Deu-se o caso de conseguir um forte empenho para trabalhar noutro lado e não voltou mais. Fechou-se a Escola. Este acontecimento conta-se como uma das façanhas destes aldeãos.

A Comadre está ansiosa de ver a Vizinha e apressa o passo...

Em casa da Felicidade remexeram nas gavetas, nos armários e em todos os sítios onde ela podia ter posto os óculos. Ao fim de terem empatado tempo precioso, uma criada notou que a senhora os trazia à testa.

— Francamente! — confessava a Felicidade irritada — logo hoje que trago este batalhão de man-

ducares alimentados, para me despacharem o trabalho, havia de me acontecer uma coisa destas.

Lançou-lhes um olhar furibundo e eles enfiaram-se para as tarefas que tinham em mãos.

Pediu o correio e verificou que se tratava de um telegrama do filho a avisar que adia a chegada. A sua primeira vontade foi de não dizer nada a ninguém mas tinha necessidade de chorar e desabafar em voz alta. O caso não era para menos depois de tanta despesa feita com o pessoal extraordinário, para dar cabo do trabalho dentro do prazo com que estava a contar.

Dobrou o papel do telegrama e guardou-o debaixo da Imagem da Virgem na Casa do Oratório.

Se o comunicado chegasse aos ouvidos da Vizinha, talvez lhe passasse a dor de dentes que a castigava e por momentos sentir-se-ia consolada.

A Comadre estancou o passo.

— Ó da casa!, — chamou e, sem mais cerimónias, entrou na casa da Vizinha.

Para aquelas terras conservam-se as portas abertas durante o dia, por causa do calor. Foi encontrar a dona da casa na cozinha.

— Passei pela sua porta e lembrei-me de a visitar — explicou-lhe — Como está?

— Mal disposta com uma dor de dentes que eu sei lá... Tem graça que pensei hoje em si. Já almoçou?

— Oh! Não se incomode.

— Estou atrasada com o almoço.

— Lá por isso dou-lhe uma ajuda.

— Então não há problema. Oiça lá: não me vai buscar quatro dedos de aguardente para um bochecho? Queria ver-me livre desta dor.

— Dê-me o dinheiro.

A Comadre sabia que àquela hora a fila dos fregueses apertava ao balcão da taberna. Entre dois goles de aguardente, suspiram aliviados e cuspinham os boatos e querelas que agitam a aldeia.

Ajeitou as dobras do pano, puxou a ponta do «palou» * para a frente e saiu.

— A velha! — na taberna todos os olhos se fixaram nela.

— Um pau de aguardente — pediu a Comadre.

Alguém bateu contra um copo e entornou o conteúdo. Valeu palavrões e uma chusma de braços, que se levantaram em auxílio do copo, mas o objecto rolou ao chão e fez-se em cacos. Riram-se muito e com uma afectação despropositada. O Vesgo e o Bosteão eram os mais provocantes. Davam cotoveladas um no outro e mantinham-se em atitude francamente grosseira:

— A piolhosa que se entenda com a gente se quer alguma coisa.

— Importa-me lá que se vá confessar ao Padre ou ao Batcar. Às caras!, sua filha da... vá confessar ao Batcar e ao pai do Batcar... — distendeu a bocalha e gargarejou um arremedo.

* Extremidade do sari que descai sobre os ombros.

A Comadre perdeu a paciência e assanhou os dentes. Fez o sinal da cruz na boca.

Os ânimos ferveram.

— Um pau de aguardente! — apressou o taberneiro para evitar uma pega.

A mulher recebeu a garrafinha, deu-lhe para a mão o dinheiro e enfiou porta fora a vociferar:

— Vá a gente ajudar um cão da rua. Ainda ontem a mulher estava a morrer, seu porco cevado! Seguraram o Vesgo. Ficou com as veias à mostra. «Ai, que me levas no focinho até te lembrares do leite da p... que te criou!»

A presença da Comadre fez bôlis nas entranhas dos homens e a alusão ao Batcar pô-los mais transformados ainda. Consumiram mais copos do que o costume. O taberneiro exultou. A Comadre havia prestado mais outro serviço.

A Vizinha espera-a impaciente. A sua visita avivou-lhe certos sentimentos: a filha era mal empregada apesar de todas as qualidades. Não arranjava casamento condigno. Oh! Tinha horror a esta expressão... Também os pais afastaram-na a ela do primo. Não era noivo para ela. E depois? Foi tudo o que aconteceu...

Levou a mão ao queixal e pensou: «que é da Comadre?».

Esta chegou ofegante e meteu-se na cozinha. Apetecia-lhe desembuchar sózinha o aborrecimento com os homens e adiantar o almoço. Quem vive só habitua-se a desabafar entre quatro paredes. Fala-se para os outros e os outros não compreendem. Cada

um fala de si e julga os problemas à sua maneira. O solitário descobriu há muito o preço que se paga pelo calmanete deste tipo de conversa.

A outra não se importou. Foi um descanso achar-se com a refeição preparada. Passado tempo ouviu-se:

— Como vamos nós? Está prontinho o almoço?

— Não demora nada.

A Vizinha, antes de principiar a refeição, ofereceu um cálice de aguardente.

A Comadre brindou-a e as filhas ausentes e insinuou:

— A Bai * não era para aquela casa! Se bem que a tenham asseado. Lajearam as casas todas, até a cozinha, calcule! — Esvaziou o copo num trago.

— Pois devem lá parar os criados! Os desgraçados com os pés descalços num chão assim...

— Descanse que não será esse o motivo de eles desandarem.

Caiu bem a réplica. A Vizinha encheu-lhe novamente o cálice. Ela esvaziou-o num trago e bebeu outro cálice e mais outro logo a seguir. Ficou bem disposta e assistiu, com grande solicitude à refeição da senhora. Esta ingeria bolos de arroz de caril, que executava com as pontas dos dedos, e vários acepipes. Fez-se um silêncio. Começou a implicar-lhe com os nervos a Comadre ao lado. Teve escrúpulos de a

* Bai = menina, senhora.

incomodava tanto. Continuou a rezar mas agora com mais fervor...

A Vizinha deixou-se ficar em casa. Evitava sair à rua a não ser ao domingo para a missa. Parece mal uma viúva espairecer. Reflecte na reputação das filhas. Não arranjam casamento. E então as dela que não possuem dote!

*

* *

O dia de trabalho findou. A taberna regorgita de gente outra vez. Os homens embebedam-se com a segunda razão do dia e não distinguem o grito das mães cujo eco morre longe entre os montes. Alongam a garganta e chamam os filhos. Soaram as Trindades — são horas de recolher.

A Comadre prestou os « serviços » e vai a caminho do seu abrigo, como sempre, aflita com o tempo. — Em todo o caso — pensou — não posso deixar de ir à mulher do Vesgo. Deve estar prostrada no chão como um verme. O homem é que é um desvairado. Paciência!

Não se enganou. A mulher ardia em febre.

A Comadre ralhou com ela por aturar um homem que a desprezava e espatifava tudo no vinho.

A doente não se encontrava em estado de retorquir. Guardou bem no fundo da alma as suas

ntir na sua intimidade. « Que toleima! » — emenu-se. Não tinha outro remédio senão conformar-se em a situação...

— Quando casa a Bai?

— Não se pensa como dantes agora. Ela que se solva a casar quando quiser.

— Veja bem! A Ersília do bairro dos mainatos está inconsolável. A filha casou com um moiro.

— Quê?

— Pois foi. Em chegando a altura, é preciso ensar-se nas raparigas. Quanto mais tarde mais ificil para arranjar um arrimo e muitas não guentam...

— Coitada a mulher, sofreu tanto! Parece que ns são filhos e outros enteados de Deus.

— Não diga tal. Devemos pedir-lhe sempre. alta-nos a humildade.

— O sofrimento e a humildade não se separam.

— Não sei... — A Comadre benze-se.

— Tem razão. Quando se perde a confiança, ofre-se mais ainda...

A Comadre recolheu a loiça para a cozinha e ratou de si.

Pouco depois deu o sinal das três horas na Capela. Tinha tudo arrumado. Despediu-se da Vizinha e foi à devoção. Encontrou-se com a Felicidade e cochichou-lhe ao ouvido:

— Está cega de inveja com as notícias que lhe fui levar.

Ela torceu a boca e suspirou, fingindo desgosto.

No fundo ficou aliviada. O telegrama já não a

razões. Se tivesse fôlego para falar ter-lhas-ia atirado à cara.

Que sabe ela da vida? Não é casada. Nunca se toucou de flores para anunciar o noivado nem as mulheres da aldeia lhe fizeram votos de fecundidade, untando-lhe o corpo com sumo de coco...

A Comadre aqueceu água e deu-lha de beber quentinha, na falta de chá. A mulher tinha a dispensa vazia. Deixou-a mais consolada e saiu.

O trajecto agora pareceu-lhe deserto. Que noite escura e que sombra na sua alma! Cobriu a cabeça com o «palou» e puxou uma ponta a aconchegar o rosto.

«É tarde, muito tarde! Como foi que me demorei até esta hora?»

Desembaraçou a vista. No fundo do atalho distinguuiu uma nesga do céu. Animou-se. Levou a mão ao rosário que trazia ao pescoço e rezou: «Pelas almas desamparadas...»

Ninguém dá conta de que a Comadre vai assim tão sôzinha. Tanto os que não lhe querem bem nem mal, como aqueles que lhe cospem à cara vários ressentimentos acusam-na de se meter sempre em tudo e com todos. Não ignoram que nos últimos tempos faz jejum e penitência para remir as ligações escandalosas que teve no passado. Conta-se que o mais engraçado aconteceu quando se agarrou ao marido do «Coirão» pois esta toda contente, pen- durou-se à porta da casa ao saber que o homem não lhe aparecia às refeições.

— Ora até que enfim! — suspirou a Comadre e meteu a chave na fechadura da porta da casa.

Entrou e acendeu o panti. Depois passou revista aos quartos e aos ferrolhos das portas. Foi à capoeira e contou as galinhas. O porco grunhiu. Não faltava ninguém. Só aquele vadio do gato. «Mal saio de casa desanda logo. Há-de-me aparecer por aí. À fome é que ninguém se aventura»...

REGRESSO AO PASSADO

OS CAMINHOS da aldeia mergulham no silêncio, da meia-noite aos primeiros alvares da madrugada. Apenas o latir de algum cão vadio quebra a morna quietude. Depois acorda o rumor dos barcos e dos pescadores que largam para o mar.

Por isso, o rodar do carro, seguindo a via tortuosa para a casa do Batcar, não passou despercebido. Ele e a mulher é que não deram por nada. O quarto onde dormem, no primeiro andar, dá para as trazeiras da casa.

A viatura deixou-lhes à porta o filho e a nora. Chamaram repetidas vezes e acordaram os vizinhos do casebre de olas de coqueiro.

Reinaldo apesar da fadiga, do sono e daquela longa espera, impressionou-se com aquele tipo de habitação. Era filho da aldeia e conhecia-o por certo mas nunca lhe ligou qualquer sentido. Daí por diante não era raro imaginar-se no casinhoto a dar largas ao sonho.

A feitura do abrigo é leve; protege contra as intempéries e não impede que se pressinta o exterior de dentro dele.

O homem do casebre de olas dirigiu-se-lhe. Explicou-lhe que era o filho do Batcar.

— Oh, Bab *, como está? Não me conhece! A sua mulher? — olhou em direcção à Tania — Vamos a ver se os acordamos.

Gritou com todas as suas forças. Valeu.

O Batcar assomou cauteloso à janela, para indagar o que se passava. Não reconheceu o filho e inquiriu:

— Quem é lá?

— O seu filho! — acudiu Reinaldo — Ó pai! — Babá! — o Batcar levantou os braços cheio de júbilo e fez-lhe sinal que esperasse.

Desapareceu e levou meia hora a abrir a porta. Trazia o tronco nu, por causa do calor, e foi-se meter num pijama. Acordou a Felicidade. Ela esfregou os olhos e não tomou consciência do facto.

— Quem é?

— O nosso filho!

— A esta hora?

— O nosso filho. Chegou. Acorda!

— O meu filho? Ah! — deu um salto, vestiu uma bata comprida e seguiu o marido.

Tania, muito maçada, recostou-se ao ombro do marido. Já não podia com os pés. Endireitou-se quando os sogros abriram a porta. Estava precisamente a pensar: «que diabo de gente são os pais do Reinaldo?»

Esta impressão operou mais tarde os seus efeitos. Os pais, a terra, a casa...

Reinaldo não compreendia porque a achava tão diferente daquela que julgou conhecer. «Teria sido

* Bab = menino, senhor.

sempre assim?» — interrogava-se a si própria. Nessas ocasiões sobrevoa no «casinhoto de olas» desprendido mas consciente de tudo.

[*]

[*]

Os pais choraram emocionados ao abraçarem o filho e a nora.

— Vamos ao Oratório!

— Agora? Estamos mais mortos do que vivos, Pai!

O Batcar olhou para a mulher e não insistiu. Conduziram-nos para o quarto que lhes haviam destinado e deixaram-nos à vontade, depois de lhes fazerem as mil e uma observações que julgaram necessárias.

Tania deitou-se vestida na cama. Não podia mais. O marido demorou-se. Deu as voltas que quis; despiu-se e enfiou as calças do pijama. Acendeu um cigarro e estendeu-se a seu lado.

«Demoraram-se muito a receber-nos» — pensou. «Se não fosse o homem! Que estranho!... Há dez anos não existia o casinhoto... Nunca o vi naquele lugar... Tania dorme...»

O Batcar e a mulher também não conseguem pregar olho. Não se conformam com a chegada do filho àquela hora da noite.

— A gente pensou tanto nesta recepção. Calcula que na pressa vesti esta bata velha e desbotada.

— Deixa lá e dorme sossegada.
 — Por que não fazes o mesmo?
 — Não devia concordar que não fossem ao Oratório. Que ideia a minha! Não está certo. Volta depois de tanto tempo, são e salvo, e não agradecemos à Virgem. Não pode ser. Vou acender as velas.
 Dirige-se à Casa do Oratório mas lembra-se que a mulher deve acompanhá-lo nisso. Volta atrás e encontra-a a examinar-se ao espelho.

— Anda daí! Vamos os dois.

— Vou já. Se soubesse que chegavam hoje!...
 Reinaldo continua acordado. As ideias invadem-lhe o cérebro com a força de uma cheia de água. Porque foi aquela demora? Os pais haviam mudado muito. Quando é que o pai o reconhecia e não vinha logo a correr para ele? Estava acompanhado e talvez isso tivesse modificado a reacção. E afinal achara natural o regresso desde o dia do casamento. A ideia da família e do lar ganhara terreno. Começava a compreender agora que voltar atrás não era possível... A saudade apresentava-se como um fosso intransponível, obrigando-o a encarar novamente tudo o que parecia já não existir. No regresso à Casa Grande, sentia-o bem que ela não lhe pertencia nem a ninguém. Erguia-se fantástica e impessoal como o mundo.

«Porque voltei?»?! — A vista caiu-lhe sem querer na mulher. Estranha coincidência! Dormia vestida a seu lado.

Levantou-se e foi acender outro cigarro.

Fala-se à boca cheia de que o filho e a nora do Batcar não saem à rua.

Reinaldo passa o tempo entregue a estudar montes de papéis. «Porque trabalha tanto se carece de descanso?» — comenta a Mãe. Ele não se explica. Desce à sala de estar quando lhe dá para fazer um intervalo e não se lembra de que os pais andam à cata de o apanhar para a conversa.

Nessa sala onde o alfaiate andou a trabalhar, sentados em cadeiras de verga confortáveis, pai e filho discutem acaloradamente.

— Não sei porque os contraria. Eles labutam durante o ano inteiro para amealhar uns cobres para essa festa.

— Muito bem; e depois?

— E sonham com ela; com os estalos, os foguetes, o chinfrim, a feira, e a revista que levam em cena nessa ocasião.

— Mas que tem isso que ver com as despesas supérfluas que constituem encargo para a Confraria? Como Presidente dessa Instituição não posso sentir que as façam. Trata-se de uma festa religiosa. Não vejo porque se há-de gastar o pouco dinheiro de que dispomos, com o fogo e a charanga! Para «esta gente» — sei eu — isso é o móbil principal da festa. No fundo também existe a intenção de me fazerem oposição. Não medem a distância entre mim e eles. Odeiam o Batcar! Ora vale mais que em vez

disso oiçam um bom pregador no dia da festa. Faz-lhes bem escutar a palavra de Deus para reprimir o orgulho e a má-criação.

— Francamente não vejo a relação entre uma coisa e a outra.

— Ouve lá: quando eu era rapaz, havias de observar como eles falavam ao meu pai. Colocavam-se atrás do Batcar para lhe dirigirem a palavra; levantavam-se quando ele passava; eram os primeiros a cumprimentá-lo. Agora! Repara no ar com que me enfrentam, um ar de revolta e de provocação. Ora, ora, não sabes que relação existe! Eu cá sei. E sei que não há dois métodos para lidar com eles. É só um. Ouviste? Só um.

— Não percebo o seu ponto. Estávamo-nos a referir à festa da Padroeira desta freguesia. Ó Pai! Deixe que os pobres homens solenizem a festa como entendem. Só eles é que a sentem profundamente. Quando de sol a sol labutam nesta e noutras terras e no mar, a Padroeira assume para eles um significado que nos passa despercebido. Dirigem-se-lhe a Ela e imploram a protecção. Veja, portanto, que são eles que a consagram! Que decidam então à vontade como desejam as solenidades em Seu louvor. Que tem com isso? O Senhor e eu, a bem ver, não temos nada!

— Tu... Eu... Eu não tenho nada... Eu sou daqui e não tenho nada? E fui eleito o Presidente da Confraria?

— Que diria o Senhor se não fosse eleito um membro da nossa casa? Confesse: o Senhor não

sabe o que defende. Foi o Senhor que levou a que me alheasse das coisas que me diz tocarem tão profundamente: esta terra, a gente, os costumes. Sabe até que ponto ameiei tudo isso. Contudo não descansou enquanto não me viu muito longe daqui. Porquê? Ah, pois decerto! Tinha de estudar, ser alguém... Sinceramente, porém, não lhe era indiferente que eu não me fizesse «doutor», título que o Senhor tão ardentemente desejou para si.

— Filho!

— Foi isso, foi. O Senhor clama direitos de filho dilecto desta terra mas reconheça que procurou evadir-se dela através de mim.

— «Esta gente»! — diz o Pai. Afinal é a gente do nosso povo. Aqui se finca e defende as tradições.

— Muito lindo, não haja dúvida. Mas não há tantos que vão e voltam mais valorizados? Francamente não te percebo.

— Há muitos e cá está um. Olhe bem para mim!! Não se esqueça que...

Tania entra a correr.

— Os meus sapatos?! Desculpem andar descalça mas não sei dos meus sapatos. Ah!, estão aí! Doíam-me tanto os pés!

O sogro interpõe-se:

— Que eu saiba não foi de andar a pé. Na sua idade nem era coisa que me afligisse. Ainda hoje faço muitas léguas quando vou aos «prédios»*. Acredite que dá saúde.

* Terras.

— Bem vê que o pai está habituado e eu não.
— Como é que se vai habituar se não tenta sequer experimentar.

— Nem podia!
— Pois não! Não está para isso — filosofia dos jovens de hoje.

Reinaldo chama a atenção da mulher:

— Tania!

— Pois é, vou lavar os pés e calçar-me.

Tania desaparece com os sapatos na mão.

— Por que se agasta com a Tania, Pai? Não é culpa de não conhecer os nossos costumes. Nasceu, cresceu e foi educada num meio completamente diferente. Desconhece as suas exigências. Deixa que ela vá observando os nossos costumes e se habitue a eles. De resto não sei se vai ter tempo. Compreende que não nos demoramos senão o tempo da minha licença.

— O quê? Vais-te embora, deixando-nos entregue tudo o que te pertence!

— Foi assim até agora!

— Eu estou cansado demais para ser o guarda dos teus bens. Repara bem no falatório de todos quando souberem dos teus passos. E não é perante mim que te deves sentir responsável mas perante os mortos que te legaram o seu suor e as suas canseiras...

— O Batcar fica transtornado. Felicidade entra nesse momento e apercêbe-se de que algo de extraordinário se passa entre o pai e o filho e pergunta:

— Que estão p'ra aí a discutir? (dirige-se ao

filho) O teu Pai não traz boa cara. Que é que lhe disseste?

— Nada. Trocamos impressões.

— Nada de importância — confirma o Batcar — o tempo encarrega-se de esclarecer aquilo que no momento não entendemos.

— O tempo? Pois! O tempo também marca. O Papá e a Mamã venceram-me com o tempo. Venceram o meu amor; a vontade que tinha de permanecer aqui; de casar com a mulher dos meus sonhos, de constituir família. Ela sim que poderia educar os meus filhos segundo quer e segundo os preceitos do nosso povo, «desta gente», como lhes chama.

Os pais ficam abismados e fitam-se um ao outro com uma expressão de angústia. Reinaldo inclina a cabeça e aperta-a entre as mãos.

— Oh! não devia ter falado mas o silêncio parecia que me matava. Vou-me recolher ao quarto. Desculpem eu e a Tania não assistirmos ao terço nem descermos para o jantar. Apetece-me dormir...

Retira-se e deixa-os sós entregues aos seus pensamentos. Passa algum tempo. Felicidade observa: — Acho-o tão estranho! Nem parece o nosso filho. Não sei que voltas aquela mulher lhe dá à cabeça. Ainda há pouco andava descalça pela casa. Não são modos de pessoa educada.

— Cala-te! A minha mãe dizia o mesmo de ti e no entanto... Não são as pessoas mas o tempo que nos dá a volta à cabeça. Faz sentir que tudo é transitório e se renova infinitamente.

— Isso do tempo será verdade mas o meu filho está esquisito. Muito distraído... nem dá por mim. Dantes era para ele a Mãe mais linda do mundo. Gabava-me os petiscos que lhe fazia (ninguém mais os sabia preparar como eu). Não parava com perguntas sobre o que acontecia em casa na sua ausência. Nada lhe passava despercebido: O caramanchão do baij^{*}, o bebedouro das galinhas, a mangueira junto à janela da cozinha e... (transtorna-se) eu sei lá! Inspecionava o meu guarda-vestidos e os meus fatos novos. Achava todos maravilhosamente bem escolhidos. Desta vez ainda não reparou em nenhum. Parece que não me vê nem ouve. Foi uma separação muito longa, não haja dúvida! Muito longa mesmo... O meu filho! O meu rico filho! Nem sequer, meu Deus, foi ver a goiabeira!! A primeira coisa que fazia quando entrasse em casa.

— Essa está boa! Vá a gente entender isto. — O Batcar dá um salto da cadeira onde estava sentado — Mulher dos meus pecados, já agora quero saber: e para que querias tu que ele fosse ver a goiabeira?!

Felicidade chora perdidamente e não diz nada. O filho recolheu ao quarto e deitou-se. Cogita: « Melhor ou pior, a festa da Padroeira há-de realizar-se no dia próprio. Não sei porque me meti a falar nisso:

Por essa altura chegam carroças de bois cheias de mercadoria e arma-se a feira. Abastecem-se os fogos da aldeia e as noivas compram o enxoval. A mãe,

* Folhas de hortaliça.

a tia, a vizinha, e a família do noivo têm voto na escolha e regateiam os preços. A Comadre não perde a ocasião para comentários...

Tania vai perder a cabeça com os santos de pau e os objectos de metal. Gostava que a Tania não comprasse nada na feira das noivas. Pobre Tania! Não sabe que o espírito do noivo se afogou no poço^{*} e que a coroa de crótonos baila à superfície da água.»

* No S. João é costume os novos genros da aldeia, coroados de crótonos vistosos, assaltarem os poços em cortejo animado, cantando «mandós» ao compasso da batuca.

MORTE E VIDA

VVVV+ (-)

A «MÃE ENLUTADA» esconde os seios que nunca murcham debaixo do «palou» que lhe cobre generosamente o tronco. Apreende-se esta imagem através daquela visão constante de formas pressionadas na transparência das vestes da gente da aldeia. Conheceu o desejo nos braços do marido depois que cresceu e se fez mulher em casa dos sogros.

Conduziram-na para lá ainda muito criança aos ombros de um familiar, após as cerimônias nupciais, em cortejo festivo: À frente os tocadores da mordaça, das flautas, dos cornetins e das trombetas, dos pratos e do «petti»*. Segue-se o noivo de vestes brancas e leves, o «puddvém», pano preso à cintura e arregaçado entre as pernas, e uma longa camisa, destacando-se pelo turbante, enfeitado de pérolas, e estola escarlata, e um prato de metal onde leva um coco; os homens, a noiva, e as mulheres. Passam deixando um rasto de cheiro a pano novo, sândalo e flores de perfume doce.

Depois os velhos morreram ou não quiseram saber dela e o braço do marido desamparou-a, esvaído sem forças. A doença minou-o e deu-lhe cabo da

* Petti = pequeno harmónio.

Capítulo 7
Junda

vida e ela ficou viúva. Mas não se surpreendeu por não sucumbir àquele abandono. Não a assaltaram então reminiscências da ânsia do « sâti » *. Deitado ao pé, numa enxerga de trapos, ficava-lhe ainda uma esperança, o filhito que mal abre os olhos e agita as pernitais.

Nascera sem condição? Muito embora. Não se deitaram foguetes, três vezes, segundo a praxe, quando nasce um filho varão. Se ainda fosse uma rapariga, valia uma vez e não a envaideceria tanto como isso.

Por ele não se desesperou quando se despojou das jóias e das flores e quebrou as pulseiras de vidro defronte do esquite onde, no meio de parentes e amigos que carpiam, coberto por um lençol branco, o corpo do morto jazia envolvido em tiras de linho. Estendeu o braço e sentiu o filho palpitante de vida.

Agora o escuro das longas noites de insónia é solidão e faz-se presa dos seus olhos, mais negros e sombrios do que nunca. Invade-a o fascínio da morte. Na esteira onde não consegue adormecer, suspira e encolhe o corpo como um caracol. Não lhe passam despercebidas as vistas dos homens que se demoram nela enquanto anda na lida da compra e venda do peixe, faz recados e trabalha a dias nas casas abastadas. Morreu-lhe o homem e morreu-lhe o filho mas não morreu o desejo que a acomete. O seu corpo proscrito está condenado a não gerar o amor. Não pode voltar a casar nem homem algum

* Sâti = cerimónia na qual a viúva se lançava na pira onde arde o corpo do marido falecido.

consente em dar o seu nome aos filhos que dela houver. Oh! E foi-lhe vedado lançar-se à pira que a teria consumido...

*
*

— Cobriram-no com flores! — confiou, escondendo o rosto, sob o « palou », « a Mãe enlutada ».

Tania abriu muito os olhos e repetiu a expressão :

— Quê? Oh!... Compreendo. Como foi?

— Um mal de barriga.

— Porque não se chegou à Batcani?

— Consultei o nosso médico e não serviu de nada.

— E os curandeiros! — interveio Felicidade.

— A Guru contou-me milagres do do Valado — assegurou a mulher.

— Ouvem a Deus e ao Diabo.

— É gente ignorante, Mãe!

— Nem por isso nos procura.

— O médico passou uma receita dispendiosa. Se calhar não ia a tempo!? Ele já nasceu para viver pouco. A sina! — A mulher calou-se.

Os vínculos profundos do seu rosto descaíram, traindo-lhe o desgosto tão soberano quanto não mitigado.

Vertera as lágrimas no corpiço do filho extinto — as únicas flores, quem sabe!, a que aludira.

Na alma confundeu-se-lhe o silêncio do monte onde a chama lambou o corpo do pequenito.

Tania desespera-se: «para o que me havia de dar? Comover-me com esta mulher! Porque não se queixa francamente? A dor abate-a e escraviza. Não deixa que ela reconheça a verdade, simplesmente a verdade. Embotou-se.»

Impressiona-a no entanto. Não consegue afastar a presença dessa esfinge resignada. Ficou-lhe gravada na memória. Daí por diante para repudiar essa imagem terá de abster-se de uma parte de si própria.

No quarto do Reinaldo, Felicidade fala animadamente dos arranjos que fizeram para casar a filha:

— «Levou-se a proposta» a muitos. O que é agora o teu cunhado aceitou-a mediante o dote de quinze mil rúpias.

— Encontrou uma razão... — considerou Reinaldo (porque aceitei a Tania?).

O rapaz fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Pois o dote não foi pequeno. Confiámos em que a casa havia de o reaver com o teu casamento.

Reinaldo não respondeu. Lembrou-se do que ouvira dizer tanta vez: o filho casa e faz a sua casa; a filha casa e faz a casa do marido. Casou. Ficou-lhe em mente que devia casar. A mudança ilude o tédio. O projecto da casa fascinava-o como todos os projectos. Não era «com ela» mas podia ser com outra. Outra?! Com outra ou com Tania... Porque não foi com «ela»?...

A discussão da sogra e da nora acordou-o destes pensamentos.

— «É humilhante para a rapariga.

— Maneiras de ver.

— Então não acha humilhante proporem a rapariga ao rapaz?

— Oferecemo-la antes que no-la peçam. Quer melhor presente do que uma filha para multiplicar e fortalecer a geração de um amigo?»

Tania deu uma gargalhada.

O marido quis desmascará-la mas reflectiu: «que há de verdade em tudo isto?»...

✱

✱

✱

Com o movimento aceso das embarcações da pesca de cavalas a aldeia revive momentos de incerteza e de profunda emoção.

As mulheres acorrem gíngando as ancas e os cestos à ilharga, mas pressentem o bater dos ramos e a algazarra dos homens descarregando o peixe para a borda enxuta do rio. Misturam-se todos, as exclamações e os gritos. Disputam os lanços do peixe e os preços. E o barulho e a confusão estabelecem-se ali.

Quando o coro das vozes começa a dispersar, é sinal de que foi aceite a distribuição dos lanços e a oferta das peixeiras que não contam com os braços masculinos que colaboraram na operação da pesca. As mulheres desatam a correr com o pano arregaçado entre as pernas e os cestos pesados à cabeça a escorrer água. Os homens ajustam as contas. Chega a vez de descansarem. Sorvem malgas de

canja de arroz e regalaram-se com cavalas assadas — convida ao sono reparador da fadiga. Refazem-se para o reencontro com as companheiras. A ausência assedia o desejo. E elas regorgitam de sangue novo e prosseguem incansavelmente no labor. O peixe que não se vende é submetido à salgação e à secagem.

O cheiro da salmoura identifica a aldeia. Tania observa a renovação e confronta-se com as mulheres. Muitas aparecem peçadas nos intervalos das operações. A Arcanja! Matou a criança que trazia no ventre e envenenou-se. O pai era hindú; as opiniões dividem-se; e nem hindús nem cristãos consentem naquele casamento. Morreu podre nas mãos de um curandeiro.

Fizeram-se preparativos para um funeral solene, com estalos, foguetes e música. O Padre Vigário recusou-se a tomar parte nele. Mas o populacho levantou-se e não fez caso da opinião do padre. Levou avante a resolução.

Vestiram-na de noiva com a touca de flor de laranjeira. Dizem que se santificou à hora da morte. Pediu a Imagem da Virgem e recitou as invocações da ladainha em Seu louvor. Lamentam-na desolados, figurando-a com a coroa do mártirio.

— Não assistes ao funeral? — grita Felicidade para o quarto do filho, advertindo-o a comparecer ao acto.

A pergunta da sogra chega aos ouvidos de Tania.

Pensa:

— E esta?! Deixa que te estou a achar graça. Vou divertir-te o menino.

Resolve fazer humor. Finge um andar a passos medidos, em bicos dos pés, para não fazer barulho. Aproxima-se do marido que se encontra à mesa de trabalho e afaga-lhe os cabelos com a voz untada de maliciosa ternura.

— Pára um bocadinho, minha jóia, não vês que assim dás cabo de ti?

Reinaldo vira-se para ela e ruboriza-se.

— Meu amor, meu menino, faz-te bem um pouco de ar. Vai ao funeral, meu filho!

— Ah! — ele perde a paciência e agarra-se às fraldas da camisa.

— Não te enerves, amor, não vês que é preciso agradar a «esta gente». Não são eles que dependem de nós mas nós que...

O homem ergue-se como um raio e fulmina-a com dois estalos nas faces.

Ela permaneceu onde estava, encarando-o de revés.

O desgraçado cambaleou até à borda da cama, que ambos vêm utilizando desde a chegada. Sentou-se com a cabeça entre as mãos. E, numa voz sucumbida, deixou escapar:

— Vamo-nos embora mais depressa do que julgas...

Desvendar o oculto não promete a paz. Consome a imaginação do adolescente e aos loucos como Tania retira «as asas de anjo» e todas as ilusões antigas.

Ela viu-se atraída para a terra do marido, pela ânsia do desconhecido. Mas convence-se que a terra do ignoto e do mistério não difere da terra do egoísmo,

da solidão, da luta e do desespero, daquela onde se criou. E tudo a desgosta: a aldeia, as mulheres, o sogro, a sogra — essa então! — e até... o próprio marido...

*
* *

Partiram de facto mais depressa do que se esperava, o filho e a nora, da Casa Grande.

Tania comprou vasos de cobre e metal amarelo, jóias de ouro e de prata, e ornatos de marfim mas não comprou o sol, o sol doido e quente do lugar, e a espuma do rio, que insuflam a primavera e a vida no corpo das raparigas.

— Porque compras tanta coisa? — pergunta o marido — Vai ser um sarilho com as malas.

Ela compra... compra... compra...

Acendem-se-lhe os olhos como os da « doidinha » da aldeia quando lhe prometem pedaços de amêndoa de coco.

— « Zaiú » — assim se chama a doida — « enche-me o caldeirão de água! »

Ela não mexe as orelhas. A água custa a transportar.

— « Despacha-te, Zaiú! Dou-te amêndoa de coco. »

Ri-se, ri-se muito... Pega nos calções e vai ao poço.

OS VIVOS RESISTEM

FELICIDADE arruma as gavetas da cômoda. Roupas do seu uso pessoal encontram-se espalhadas na cama e a «camisa», muito bem dobrada, numa cadeira de baloiço. Traz um ar abatido e a cabeça protegida por um lenço. Parece hesitar sobre a disposição a dar aos objectos. Coloca-os num lugar para logo em seguida os pôr noutro.

— Ora que isto não me está a agradar! Parece que perdi a noção do lugar destas coisas.

Pára um bocadinho e distende os braços.

—Estou cansada!

Chega-se à camisa e mira-a. Pega nela e deixa-se cair na cadeira e esconde o rosto.

Batem à porta do vestíbulo.

— Quem será? Não me dão descanso. Quem é? Ah! Você, Deuji.

Faz-se desentendida e vai-se pôr de novo a arrumar as gavetas.

Deuji entra com um ar enfiado.

— Vem num dia tão mau. Não me sinto nada bem... Uma espécie de falta de ar... Ai! Tenha paciência! Não tenho cabeça para atender seja quem for. Vá-se embora e volte noutro dia.

— Procurei-a várias vezes. Está sempre muito ocupada. Bem vê, preciso do dinheiro. Vivo do meu soldo diário e, a brincar, passaram mais de três meses depois que estive a trabalhar.

— E foi inútil essa despesa. Estão novinhos em folha os vestidos. Nunca tive oportunidade de os vestir. Olhe para a camisa! Tanto cuidado que eu nela pus! Conserve-a como você a deixou.

— Quê? Nem a camisa? E eu a supor...

— Nem pensar que podia estar um bocado na cama de manhã. Mas de nada vale falar nisso. Não estou com paciência. Vá-se embora! Meu Deus, esta dor aqui no lado esquerdo.

— Ah, que mal fiz eu para ter este castigo? Que digo à mulher? Ela conta com esse dinheiro hoje.

— Pois! Mas não o tenho na mão para lho dar. Se eu não vesti os fatos como quer que me lembrasse do dinheiro? Nunca mais falei nele ao Batcar.

— Não é a primeira vez que eu lho peço. Lá em casa as crianças choram com fome. A Xiuntém desespera-se. Vai-se pôr a gritar.

— Vá lá passe por cá amanhã. Vou ver se lhe arranjo um punhado de arroz.

— Arroz! (iluminam-se-lhe os olhos) Se me pudesse dar arroz em vez do dinheiro!

— Tanto não! Dou-lhe uma medida.

— Uma medida? Uma medida de arroz a preço de ouro!

— Vá-se lá embora, homem! Deixe-me em paz.

Deuji sai resmungando em direcção ao portão.

Gesticula cheio de indignação: «e queixam-se, mise-

ráveis! Deus não dorme... Se espremêssemos aquele dinheiro, deitava sangue.» — Cruza os dedos num gesto típico e amaldiçoa: — «Nasçam sete filhas nesta casa!»

— Que está você p'ra aí a barafustar? — interroga a criada Abolém que chega toda ofegante.

— Calcule as caminhadas que já dei! Venha depois, venha amanhã e estamos nisto. Nada de pagar o que me devem. Veja se há o direito! Só porque a gente é manducar não se pode deixar que nos explorem. Se me faço muito mole...

— Ela parece que está doente. Não é para menos o desgosto. O filho e a nora abalaram em menos de três meses. Contava-se que demorassem ao menos um ano.

— Contava-se, mas aqui pelos modos não pára ninguém.

— O cozinheiro despediu-se logo no primeiro mês e a outra mulher que tinham arranjado para o serviço de fora pouco mais se demorou. Se não fosse a minha ajuda! Tenho pena deles. Nesta terra todos falam e ninguém ajuda. Deitam pedras a um desgraçado.

— Descanse que estes não são desgraçados. Zombam de nós. A uma rupia e um quarto a medida de arroz!

— Porque não experimenta comer um pouco de «ambil»? *

* Papa de nachini.

— E apas de bageri * também se têm comido lá em casa. Mas sem um « undi » ** de arroz parece que a gente não mata a fome.

— Temos de nos conformar. Deus mandou estas coisas para nos provar a paciência. Eu cá levo tudo a jeito e vou-me arranjando. Se confiasse no que o marido me dá, nem sei onde iríamos parar. Pois bem, amigo, vá à sua vida que eu vou à minha. A Bai deve estar impaciente à minha espera.

Deuji sente-se mal disposto para qualquer trabalho. « Um copinho de vinho?! Mata o desgosto. » O mal-estar sobe-lhe ao peito e faz um vácuo como qualquer coisa de que se quer lembrar e não há maneira. Dizem e talvez seja verdade que o cérebro dos que têm fome está no estômago. Passa o santo dia deitado à sombra de uma árvore.

Em casa, único recinto de taipa onde vive a família toda, a mulher remexe o caldo de canja de milho, acororada em frente dum panelão de barro, o qual se acha encavalitado numa lareira improvisada, a um canto, com três pedras.

Um anexo de olas de coqueiro permite-lhe um certo desafoço. Ali guarda o combustível, galhos secos e folhagem e, quando calha, aves de criação que vai vender às feiras. O filho mais velho fez-se hábil

* Pão caseiro, de massa tendida, com a aparência de uma filhó.

** Bolinho de arroz de caril que se empurra com os dedos para a boca.

assaltador das capoeiras do povo e não lhe escapam os galos oferecidos aos mortos junto do crematório.

A mãe mira-o com vaidade quando recebe as presas das suas mãos. De uma das últimas vezes em que isso aconteceu felicitou-se de tal modo que lhe disse:

— Não sais ao pai, Ramachandra. Hás-de ir comigo ao templo para agradecer aos deuses.

O pequeno esfregou as mãos de contente. No telhado da casa de ao pé do poço público descobrira lindas abóboras.

Não tarda aí o dia em que todo ufano, ao lado da mãe, vá oferecer uma delas à divindade que o fez são e escoreito.

✱

✱

✱

Felicidade dormita recostada na cadeira de baloiço.

— Bai! Bai! Batcani!

A velha estremunha ao dar conta da presença da Abolém.

— Até que afinal! Demorou-se muito. Logo hoje que anda tudo num perfeito abandono.

— Já cá estou. Diga lá!

— Não me sinto nada bem. A cabeça. Ai! Ai! Uma sufocação. Preciso de que me faça um recado. Que é que eu ia a dizer? Vê a minha cabeça?

* Jagrada = doce feito com jagra, uma espécie de melão de açúcar de cana ou palmeira.

Ah, espere lá! Não há maneira. Ainda agora me lembrou. Bom, no entanto vá tirar o sumo de dois cocos. Deve ser o bastante.

— Para quê?

— Ninguém tocou ontem no arroz e eu pu-lo de molho para não se estragar. Vamos a fazer uma jagrada *, uma vez que andam todos com falta de apetite. Se houvesse sol não se estava com maçadas e secava-se o arroz...

— Dois cocos não dão para isso. Os que eu vi na despensa são pequenos. Talvez quatro, não acha?

— Quatro cocos? É muito, rapariga! Onde é que eu pus a chave da despensa? Vi-a ainda há pouco. (Procura as chaves entre as roupas espalhadas) Ah! Estão aqui! A minha cabeça. (As chaves estavam presas ao cós da saia) Ai meu Deus! «Perdoai e livrai as almas do Purgatório, principalmente as mais abandonadas». É verdade vou mandar dizer uma missa por elas. Pode ser que ande alguma atribulada. Ágata! Ágata! (para a Abolém) Vá chamar a «Ágata Bai» para ir comigo à arrecadação escolher os cocos! Ágata! Ágata! Ágata!

Vai ela própria à procura da cunhada.

Abolém fica só. Compõe as dobras do pano e arregaa-o entre as pernas de modo a fazer uma espécie de bolsos dos lados.

— Assim trago mais alguma coisa. Cá me arranjo. Dois cocos! Ainda por cima queixava-se de que o sumo era pouco e desconfiava de mim. Com esta só com muita manha. A cunhada vê tanto como a minha velha para enfiar a agulha!

Felicidade volta para o quarto a arrumar as gavetas. Continua com as mesmas hesitações na disposição das coisas e considera:

«Amanhã é quarta-feira. Vou mandar chamar a Esperança para me tirar o mau olhado. Há por aí tanta gente que não pode ver o bem dos outros. Não me lembra de ter tido uma febrinha, há anos, apesar do trabalho que faço. Porque será que a desgraça veio assim de uma vez bater-nos à porta? ...»

— Aboléma! Aboléma!

— Já vou! Pronto. Cá estou. E então?

— Sabe? Precisava que me levasse o dinheiro ao Padre Capelão para rezar uma missa pelas minhas intenções e, de volta, deixava um recado em casa da Esperança do «Fran Xavier» Carpinteiro, para cá vir amanhã sem falta. Ela que não se descuide porque se pode arranjar o que me pediu.

— Já agora tiro o sumo num instante e vou.

— Avie-se depressa. Não tarda que escureça. Onde está o Batcar?

— Parece que o vi no quarto do oratório a acender a lâmpada.

— Bom! Vá-se embora e faça o que lhe disse. Felicidade fica outra vez a sós e medita.

— Refugia-se no ... Quarto do Oratório ... no topo daquela escada, isolado para uma extremidade da casa, como Noé na Arca flutuando na cheia do dilúvio. Não a penetra o embate das águas nem o ruído da tempestade...

Não, desta vez não me leva consigo. Não me leva que eu já não acredito! — Cai no abatimento e recorda-se em voz baixa: « À meia-noite — toma sentido! — ele, barbas brancas e uma cabaia; ouve-se tãõ... tãõ... tãõ... Leva uma bilha de metal amarello e uma colher de ouro. A bilha ou a colher? » — O primo Pascoal e a sua história. Ainda hoje não sei que escolha... « A colher!, ouviste? » — recomendava o primo.»

O Batcar entra no quarto sem que a mulher dê por isso:

— Não sentes o fresco da tarde? Olha a janela aberta!

— ?!

Ele fecha a janela. A mulher fita-o com mau modo; chega-se à janela e torna a abri-la.

— Faz-te mal! Depois queixas-te.

— Faz mal... Tudo faz mal... Que é que não faz mal nesta casa? A janela aberta! A porta no trinco! O armário sem chave!... Que me importa agora? Quero lá saber disso para alguma coisa. — Não queres pois! Se adoces não há quem ante às voltas contigo e sou eu quem paga a farmácia.

Vai e fecha a janela. Felicidade não tem mão em si. Avança e abre-a novamente.

— Que é que te deu? Desconheço-te!

— Ainda bem! Deixa-me. Deixa-me em paz!

— Quê?! (um pouco aflito) Não estarás com febre?

— Talvez, mas não me apoquentes. Por Deus, sai das minhas vistas!

Ele aproxima-se dela. Felicidade cerra os punhos.

— Deixa-me, que me metes nojo! — Dá alguns passos indecisos. Não pode aguentar-se. Sente a vista turva e cai na cama a soluçar...

O marido fixa nela um olhar duro. Abandona o quarto e bate com a mão na testa.

Ouve-se os soluços mais espaçados. Ela fica assim muito tempo e depois recompõe-se lentamente. De repente acorda e grita, apoiando-se nas mãos fincadas na cama:

— Ah! Uma ideia! Uma boa ideia — sorri de satisfação. Levanta-se. Chega-se à porta e chama pela criada:

— Abolêa! Abolêa! Venha cá depressa.

— Bai!

— Chegue aqui! Deixe isso.

— Bai, que é?

— Olhe, deixe a jagrada. Se calhar ninguém a prova.

— Está quase pronta!

— Não faz mal. Tire-a do lume. Logo pode cuidar dela.

Abolêa entra no quarto.

— Que há?

— Ora que pergunta! Adormeci, estava cansada e tive uma ideia. Pode guardar um segredo? Não quero que ninguém saiba o que lhe vou dizer. Se o Batcar descobre nem sei o que me espera...

— Pode confiar em mim. Conhece-me há tanto tempo!

— O seu marido está em casa?

— Pelo menos não deve tardar por ali. Quer falar com ele?

— Não, você mesmo encarregue-se disso. Promete-me que não se dará à língua com ninguém?

— Pelo meu filho. Que nunca chegue a conceber!

— Contam maravilhas do Bôto de Pondá. Dizem que previu a morte do genro da Fulguém e descobriu o ladrão que roubou as jóias da Cândida floreira.

— E adivinhou o mal que definhava a sobrinha do Padre Marinho. A cunhada levou-a lá sem dizer nada ao padre. Nem piou quando, mais tarde veio a saber tudo. A verdade é que ficou boa... Não me lembrava do Bôto. Teve uma ótima ideia. Vai ver como adivinha tudo e descobre os espíritos que vigiam esta casa.

— Então vá e diga ao seu marido que procure o homem. Eu pago as despesas e você ficará bem contemplada se ele der conta do recado.

— Um curú de arroz?

— Isso! Pode contar com ele se eu souber a causa desta desgraça. Respeitamos sempre os nossos velhos, as palavras e os bens que nos legaram. Nunca desperdiçamos fosse o que fosse. Pouparamos mesmo o necessário. Guardamos as devoções da casa — a lâmpada arde de dia e de noite. O Batcar não consentiria que não fosse assim...

— Não diga mais!

Abolém sai a correr.

Felicidade lembra-se de qualquer coisa. Chega-se à porta e chama novamente pela criada.

— Abolêa! Abolêa!

— ?!

— Traga-me os fósforos! Quero acender duas velas no oratório.

A Abolém não lhe deu ouvidos desta vez. Sumiu-se. Felicidade perdeu muito tempo à procura dos fósforos. Foi uma maneira de se entreter. Quando o Batcar se acerrou dela para lhe sondar os ânimos, depois daquela alteração, já os tinha achado. Seguiu-a. E sorriu tranquilo quando a viu entrar para a casa do Oratório.

A ABALADA

A ALAGOA próxima onde todos os dias se abrem e fecham flores de lotus, fez-se uma sombra verde-nhenta e impenetrável, como o coração da mãe que viu partir o filho único.

Bapuçó não deu sinal de regresso depois que se foi para consultar o Bôto. Passam três dias e afinal desembaraçava-se perfeitamente disso a ir e voltar no mesmo dia ou — vá lá! — no dia seguinte.

Seguiu pelo carreiro ladeado de palmeiras esguias que ao primeiro sol da manhã pareciam longos cirios acesos. Cantarolava feliz com as mãos nos bolsos levando nas ventas o cheiro da mulher. Sentia como que o poder de transformar pedras em alimento e brotar água da terra; os jorros da luz, o piar dos pássaros e os focinhos maliciosos dos esquilos espalhando a rama das árvores.

Atravessou de tona a passagem do rio para a cidade e meteu-se na camioneta que o devia conduzir à vila próxima do lugar da residência do Bôto.

Na praça onde se apeou, vendilhões maltrapilhos ofereciam areca e folhas de betle, fruta de pão, e « morandês » *; outros bem vestidos, com « pudvém »,

* Morandês = uma formação tenra e doce que se encontra em certos cocos.

camisa e turbante bracos, sandálias de coiro e correias que prendem entre os dedos, e grandes trouxas à cabeça, apregoavam zaiós e sanfins, de perfume doce e penetrante — flores das noivas e das mulheres amadas.

Resolveu fazer as suas compras no regresso. O aldeão da sua condição não se acredita quando se desloca sem o seu lenço de riscado com o que faz um atado de coisas e comestíveis e o transporta pendurado à mão.

O mercado nessa altura abarrotava de hortaliça variada, em particular naquela região onde predomina a população hindú que se alimenta essencialmente de vegetais.

Acercou-se de um homenzinho que à porta de um pequeno quiosque enrolava canudos, com folhas aparadas de certa árvore e pó de um tabaco especial.

— O Bôto mora aqui para estes lados?

— Grita-se e ouve-se lá. Por aquele atalho vai dar ao caminho direito até ao arecal onde ele vive.

Não levantou os olhos da tarefa senão quando percebeu que o homem tomava uma direcção errada.

— Eh! Não é por aí. Vê aquele muro arruinado? Pois não tem nada que hesitar. Siga sempre em frente.

Bapuçó ergueu as mãos e fez uma rápida vénia.

Afastou-se na direcção indicada. O carreiro atravessava uma estrada e continuava através de uma mata. A chuva divertia-o. Nas poças de água que encontrou foi molhando os pés como fazia quando garoto.

Filho dos campos de entre o rio e o outeiro, explorava-os livremente nessa idade, curtindo-se ao sol, à chuva, e ao vento. A única imposição a que devia obedecer era, à noite, recolher a casa antes dos pais. Quando a infringia levava uma tarefa de fazer sangue e, não raro, atavam-no a uma árvore a escorrer lágrimas e ranho e enchiam-no de formigas bravas. Achou piada recordar-se de tudo aquilo. A lembrança do castigo violento não o moveu a sentimentos de revolta. Curioso! No fundo ficara-lhe a certeza de que os pais o queriam muito. Dilatou as narinas e aspirou o ar da selva. Debaixo da pele enrijada o sangue fervilhava com uma vida nova e a consciência do ardor dos arranhões, causados pelos ramos espinhosos dos carandoeiros e das vergõteas tenras dos bambús. Obstavam o caminho quando resolvia encurtar a jornada, desviando-se do trilho calçado pelos pés dos viandantes que o haviam antecedido por ali.

Deixou-se envolver por aquela espécie de halo que emana da selva e perdeu a consciência de estar a aventurar-se sozinho pela mata àquela hora sem destino.

Estava fora de si quando sentiu mãos estranhas, pela rectaguarda, tentando amordaçá-lo. Reagiu a tempo e aguardou.

Travou-se então uma luta severa e encarniçada, que prosseguiria mais renhida — não se deixava vencer naquele dia, tão seguro se encontrava do amor da sua fêmea — se não se ouvissem passos na escuridão e uma voz cavernosa.

— Caiu-me nas unhas! Uhá!

As mãos largaram-no no mesmo instante e o malfetor escapou-se.

— Quem anda aí? Arre que o filho do Gurudás não perdoa!

Os passos no entanto avançavam com a mesma cadência. Ninguém respondeu. Bapuço deixou-se ficar muito quieto. Pouco depois viu assomar uma forma avantajada de homem que lhe passou rente.

— Sumiu-se, cobarde!

Ouviu-se uma gargalhada.

— Têm medo de si, Senhor!

— Quem me desafia?! Avance!

— É alto e possante... Têm medo de si!

— Olhe! Estes músculos e a minha sanha

— A forma estendeu os punhos cerrados e deu um urro feroz que electrizou a floresta. Virou-se e descobriu o interlocutor.

— Andaste a roubar!

— Venho de longe, senhor. Não sei como me encontro aqui. Não conheço a mata. Sou um pobre peregrino.

— E eu o guarda.

— O guarda?!

— O dono desta mata. Porque, feitas as contas, sou eu quem paga o soldo ao dono. Recebe as rendas da minha mão.

— O dono do dono! Bom proveito. O meu anda atribulado. A mulher mandou-me...

— Descanse que a fazenda lhe deve estar por bom preço. Por certo também a arrendou.

— Sabe Deus! E eu que estive quase a pagar com a pele.

— Olá! Alguém tem de pagar, meu caro! Ou eu me engano muito ou você é um anjinho em quem se pode confiar. Venha à minha conta!

— Procuro o Bôto.

— Se eu não calculava! Perdeu-se na mata e fez-se noite... Procura o Bôto. Pois amigo, são boas horas de descansar o corpo. Vou conduzi-lo à estalagem próxima. Amanhã resolverá sobre o rumo que tem a tomar.

Bapuço não resistiu. Açou justa a sugestão do guarda que não distinguia no escuro a nódoa de sangue que ele deixou ficar na manga da camisa quando enxugou a ela o nariz. Salvava-se por milagre daquela agressão ardilosa, louvado Deus!, e afastou-se juntamente com o outro numa conversa animada.

✱ ✱ ✱

Edificam e destroem templos. A multidão ignara ceva os desejos e mendiga paz e alívio para as suas atribulações — assoma à praça.

No átrio da casota do Bôto aguardam a vez os que têm e não têm fome; uns e outros como que amachucados sob um peso enorme, ávidos de lobrigar uma réstea de esperança, os pés fincados no solo, na terra que os cria e os ameaça com a sua voracidade — terra-mãe que devora os filhos!

Bapuço, no meio deles, reconhece-se como um forasteiro. Pressente os veios de água, a frescura do arecal e das bananeiras e recreia demoradamente a vista nos pendurilhos dos frutos amadurecidos, junto às melenas frondosas e encristadas, da arequeira, que incarna o colo da garopeira * ardorosa, enfeitado de colares vistosos.

O dia que se seguiu àquela noite aventureira calhou ser uma terça-feira. Bapuço foi informado de que o dia mais propício à consulta era a quarta-feira. Só depois disso poderia portanto regressar à casa.

No entanto horas demoradas e alucinantes passam sobre os sobressaltos da Felicidade. Vela sôzinha o seu infortúnio, divorciada do marido e da cunhada, e da abastança que recebia o enorme casarão.

A Abolém não apareceu; sabe que ela devia estar em cuidados. Não quer crer que a tivesse enganado. «Mas de gente como ela tudo se tem a esperar...» Recorde-lhe o pensamento porque no fundo estima a rapariga. Lá fora, na forja ardente, bufa, às machadadas certas e pesadas, o rachador de lenha.

A Abolém passou o dia a lavar roupa junto ao poço público. Pegou na selha de barro e na roupa e enfiou-se para ali. Não se afoitava a encarar a Batcan. Devia estar mal disposta. «Que coisa lhe teria acontecido?» — não compreende a demora do marido — «Mande-o saciado. Porque se havia de entreter por lá tanto tempo, ele que não pára fora de casa?»

* Garopeira = tipo de cigana.

A mulhera lavando

As mulheres dobradas pela cintura, esfregam e batem a roupa contra as pedras largas e chatas, acumuladas para esse fim. Com uma corda e um calão de cobre ou de barro, tiram a água do poço de que se servem sem conta nem medida naquele lugar. Assemblam-se às crianças que adoram o chiqueiro. Em casa a água é provida à custa de um trabalho penoso. O transporte dos calões à ilharga, além de exaustivo, implica um considerável percurso. Há anos em que o poço público seca nos meses de Abril e Maio, obrigando-a as deslocarem-se a nascentes muito afastadas da aldeia.

Abolém saudou as mulheres e procurou uma pedra para si. Percebeu que estas trocavam olhares significativos. Pousou a selha da roupa suja e consolou-se. Dava-lhe gosto reparar que lhes despertava a mã vontade. Desforrava-se assim da sua preocupação. Tinha valido mais não se incumbir daquele recado. A demora do marido minimizava-a perante a Felicidade que sempre lhe gabava os méritos. E vingou-se disso. Pôs de parte os escrúpulos e referiu-se largamente a ela, ao Batcar, à avareza dos dois e às relações desconcertantes que tinham mantido com o filho e a nora. Calou-se de súbito e poupou os acontecimentos recentes. Satisfizera no entanto a curiosidade das mulheres. Estas riam-se muito e contavam mexericos aos ouvidos uma da outra. Isso arreliou-a. Queriam assunto para se darem à língua. Resolveu alvejá-las também. Aludiu à sua criação de galinhas e ao negócio de ovos, aos pés do «baji»

que prometiam muito. Acertou. Reagiram despetadas:

«— A minha sogra é boa para isso!

— «Ele» troca tudo pelo vinho...

— Não há comida para nós quanto mais para as galinhas.»

Quem se ria agora era ela. E aquilo é que foi disfrutar as maledicentes, negras de ciúme. Atacaram-na:

— Abolêa, estás inchada ou engordaste assim tanto?

— Anda caída «naquela casa» e trata-se como a gente vê.

— Há tempo que casaste, rapariga e não pariste uma só vez. Deve pesar a maldição na Casa Grande.

Cegou de raiva. Nem no saco do polvo se encontra tinta mais negra e venenosa do que a saliva que infesta a boca daquelas mulheres. Afectou um risinho inocente:

— Fêmeas do diabo! Bem se vê que nenhuma deu com o filho que trago no ventre a crescer a olhos vistos.

— Ah! — exclamaram todas à uma. E engoliram o desapontamento, cumulando-a de bons desejos.

Ela ficou rubra que nem um brindão. Se ao menos fosse verdade o que dissera! A sua vontade era sumir-se no caudal da enchente das águas, que se precipita com fúria, quando os pescadores do lugar sobem os portais das represas.

Bapuço chegou e dirigiu-se à Casa Grande. Parou junto ao portão. Tosse com força para se fazer sentir e cospe para o quintal. Avança para dentro e aguarda. Chama pela senhora.

— Bapcheá! — exclama a Felicidade ansiosa como estava.

Dormitava vencida pela longa espera, numa cadeira de braços, no vestíbulo da entrada. Abriu os olhos quando sentiu que a chamavam.

— Como está, Bai! Demorei-me muito, não foi?

— Não... Sabe... Fiquei muito preocupada.

— É para se ver quanto custa a criar um filho. Nem calcula por quantas passei.

— Se custa! A quem o diz? E na nossa idade. Eu e o Batar não somos novos e não aguentamos como dantes qualquer contrariedade.

— Nem velhos tão pouco. Pouca diferença faz da noiva que eu vi entrar nesta casa. Era eu catraio e lembro-me como se fosse ontem da recepção que tiveram no dia do seu casamento; do chuveiro do arroz, da entrada dos noivos, das exclamações da «nossa gente»...

— Foi há tanto tempo! Não vale a pena remexer nesse passado. Que novas me traz?

— Como sabe, pus-me logo a caminho quando recebi o seu recado pela Abolêa. Calculava que me esperava um bom esticão. Cheguei à vila e disse-ram-me que a casa do Bôto ficava a uma hora de

distância dali metida num arecal. Uma hora! ? Bem... o pior foi ter-me enganado no caminho.

Felicidade impacienta-se e procura interromper o relato.

— Choveu muito realmente. E...

— Os caminhos estavam lamacentos e tive de passar vaus com água até aos joelhos.

— Bem sei! Calhou logo com um dia de chuva. E ele? Recebeu-o bem?

— A chuva foi o menos. Ia deixando a pele.

— Oh!... — reclinou a cabeça sobre o peito e suspirou fundo.

Não tinha outro remédio senão deixar que ele desembuchasse, já que estava com tanta vontade de encarecer os favores. E o certo é que batera com os ossos para que ela pudesse ouvir a predição do Bôto.

O Bapuço relatou fielmente todas as peripécias da jornada e, em especial, a emboscada de que fora vítima.

Felicidade mexia a cabeça e não lhe prestava a atenção que ele julgava merecer. Disse-lhe por fim:

— É um rapaz valente. Não há aí ninguém que se desembaraçava melhor do que você. Esperou muito tempo à porta do Bôto.

— Mesmo bastante. Vai lá tanta gente consultá-lo.

— Sério?

— Pois! E até gente de condição.

— Vejam lá! Se me lembrasse dele mais cedo...

— Não fazia ideia. Consultei outros mas este é muito procurado.

— Informaram-me exactamente isso.

— Quando chegou a minha vez, mandou-me entrar para um quarto interior alumiado apenas por uma candeia.

— Como é ele?

— Uma cara de santo. Parece que não vê as coisas e as pessoas à sua volta. A cabeça rapada e o tronco nú. Veste apenas um « zontor »*. Com uma das mãos faz umas contas no papel e com a outra desfia as contas de um rosário...

— Estranho!

— Adivinhou o motivo que me levava lá. E depois que uma « borqui »** tinha passado por aqueles sítios quando eu entrei: — « mau sinal »! — explicou. « Vejo um membro da família do sexo feminino que quer chorar e não pode... Procura uma chave... Há anos que não faz outra coisa... Está cega, surda e muda ». É verdade! — disse-lhe eu. (Felicidade franze a testa) « Bem mas vamos ao que o traz » — continuou o Bôto — « Fumos negros... Ah! Do lado sul... Não, entre o sul e o nascente da casa... existe uma árvore de fruto ». Uma árvore? — perguntei.

— Uma árvore? — inquiriu Felicidade.

— « Sim, uma árvore! » — repetiu ele. « Na época própria fica cheia de frutos » (Felicidade empa-

* Pano branco e transparente que cobre a parte inferior do tronco.

** Viúva de cabeça rapada.

lidece e esgazeia os olhos) «A árvore cresceu a olhos vistos e faz-se bela todos os anos quando os ramos quase nus se cobrem outra vez de folhas».

— A goiabeira?!

— Por Deus! Um momento, porque me posso esquecer! — Bapuço parecia transportado. — «Não há outra no quintal que se prepare assim todos os anos para o noivado. Força do «desejo» e o desejo vive oculto... não se sabe onde... Chama a atenção de todos que por ela passam. Ficam com os olhos cheios de cobiça e nenhum escapa a essa tentação. O espírito do mal circunda-a. É preciso sacrificá-la».

Felicidade arranca um suspiro e agarra-se aos cabelos com ambas as mãos.

— Quê? A goiabeira?!

— «Não basta cortá-la nem que seja rente ao chão. O desejo é forte! A árvore deitará rebentos e crescerá, fazendo-se tão bela como dantes. Será inútil cortar os rebentos porque renascem. Não é possível atingir o desejo oculto..., quem sabe onde?!»

Felicidade apoia-se nos braços da cadeira com os olhos esbugalhados, numa atitude de expectativa.

— «Vejo apenas uma forma: arrancá-la pela raiz».

— Arrancá-la?

Ela soltou um gemido e desmaiou.

Bapuço alarma-se. Sacode-a: «Bai!» «Bai!» (Pede socorro em altos gritos) — Batcará! Socorro! Socorro!

O Batcar e uma vizinha acorrem.

— É melhor transportá-la para o quarto.

— Cheiro de cebola queimada faz bem!

Ágata arrasta o passo e chega atrasada. Vai buscar a cebola. O Batcar e uma vizinha acarretam a Felicidade para o quarto contíguo. Bapuço fica sozinho, sem a mínima noção da atitude a tomar. E queixa-se em voz alta:

— Bonito, em que me fui meter! Vá a gente fiar-se nas mulheres. A Abolém com as suas falhas... Não é a primeira que me prega. Pode chupar o dedo que não apanha um bago de arroz. E a pensarmos que a razão daria... (deita as contas) — vá! — para uma semana. Oh! a maldita barriga! Tudo por causa deste palmo do corpo (leva as mãos ao estômago). Que vão para o inferno os Batcares. Não estou para os sarilhos. Ponho-me mas é a cavar. Que coisa lhe deu agora? Ralar-se por causa da... goiabeira?... O diabo da história. Mas também o Bôto... E se for verdade? «Negros fumos vejo formarem-se, verdadeiras nuvens de chumbo, crescendo cada vez mais!» (fica atordoado com as palavras que acaba de dizer) Céus! Os preságios começam a bater certo. Ela é a primeira vítima!... — Não se contém e põe-se aos berros.

— Batcará! Batcará! Não! Não é nada comigo... Faço mal. Vou-me embora!...

O Batcar acode ao chamamento.

— Que há? Santo Deus! Parece que temos demónios em casa. Agora é você. Que me quer? Bapuço, muito atropalhado, não consegue disfarçar a perturbação.

— Batcará! O arroz... Eu não tenho culpa.

— O arroz?... Você sabe...

— A Batcani pediu-me segredo.

— A Batcani?! A Batcani sabe?...

— Foi ela que me mandou lá.

Não depende mais incriveis esforços a caça alvejada, para não sucumbir, do que o Batcar, nesse instante, ao procurar o assento numa cadeira. Bapuço já não sabe que há-de dizer e começa a recriminar-se. Aquele lutou enquanto não conseguiu exprimir-se com uma voz enfraquecida. Estava descoberto o segredo onde guardava grandes provisões de arroz que vendia no mercado negro.

— Mandou-o lá? Ora a minha desgraça!

— Todos falam...

— Como é que ela descobriu o esconderijo? O demónio... da mulher! Compreendo agora porque traz a consciência desassossegada.

— Contam milagres do homem. Certamente falar-lhe nele. Dizem que as previsões acertam sempre.

— Previsões? Ah! Ah?!... (anima-se) Não estou a perceber. Isto é outra história. Previsões... O homem... O homem prevê... Um adivinha quer você dizer? — Serenou um bocado. Sempre era melhor do que irem dar com o segredo.

Bapuço fica embaraçado e acrescenta:

— Este vive uma vida pura, longe do mundo. Jejuia e faz oração.

— Que vida pura? A Batcani recorreu a um embusteiro. Foi ao pagode portanto. A um pagode! E chama-se a isto uma mulher temente a Deus. Que vão dizer na aldeia quando souberem? Ora a mal-

dição que nos espera! Foi você que lhe meteu isso na cabeça? Seu demónio! Saia! Vá-se embora! Não o posso ver na minha frente.

— Eu... eu... eu... Não fui eu... A Batcani!... Pediu-me segredo. (Bate na testa) Maldito momento! Quis que eu fosse ao homem e até me prometeu um curó de arroz. (Cai de joelhos e cruza as mãos) Batcará! Não fale assim. Tenho medo que seja verdade o que ele predisse. Repare no estado da Batcani...

— Arre diabo! Deixe-se de parvoíces! Esse intrujão anda a explorar os crédulos como você.

— Batcará! Pela alma dos seus. Que é que lhe custa guardar silêncio mesmo que não acredite? Dizem que é muito mau falar no que «eles» prevêem...

— Que paciência a minha para aturar isto! O nome desta casa. Em que fica o nome desta casa?... Perdemos a vergonha!

— Quem lhe deu a casa pode tirá-la, Batcará. Suponha que se levanta um pé de vento, arranca o tecto, arranca tudo e faz um monte de pedras. Quem sabe o que nos espera? Batcará, você é um homem que estudou e sabe mais do que eu. Faça como entender. Vou-me embora! (Coça a cabeça. Coloca-se atrás do Batcar) -Se me pudesse dar o arroz!...

O Batcar não ouve, absorto como está nos seus pensamentos. Bapuço aguarda uns minutos e depois desiste de esperar. Vai a sair.

— Bapcheá! Bapcheá! Que disse o homem?!

Bapuço fita desconfiado o Batcar.

— Bem, pelo menos vou descansar com a minha consciência! Veja lá... Bem... Disse-me... que é preciso... arrancar a goiabeira pela raiz.

— A goiabeira do quintal?

— Se não, muitos males ameaçam a casa. Nem as paredes resistirão...

O Batcar dá uma gargalhada.

— Olhe se isso tem qualquer explicação. A goiabeira? Eu cá não percebo. Tanto faz uma goiabeira a mais ou a menos.

As últimas palavras caíram nos ouvidos da Felicidade que voltara a si e encontrava-se sôzinha naquele momento. Arrastou-se até à porta do quarto onde eles falavam, segurando-se às paredes, e escutou. Não deram por ela.

— Ele tremia todo ao ver os fumos negros em direcção à casa.

— Ora a história! Ah! Ah! Ah! — O Batcar ri-se — Não se pode chamar a isso uma prática condenável. Porquê? Nem vejo tão pouco a importância da árvore. Uma goiabeira! Leve o diabo os agoiros e arranje-se você com ela.

— Quê?

— Olhe agora que a Batcan está na cama. Dou-lhe aquilo que me pede por conta do serviço.

— O arroz... Que faço?

— Arranque a goiabeira.

Felicidade fez um grande esforço e avançou para o marido.

— Falso! Enganou-me toda a vida. Então,

homem de Deus, que vai à igreja e bate o peito, também acredita no Bôto?

Desampara-se e cai sem sentidos, entre os dois homens que acorrem alarmados.

— Valha-me Deus — berrava o Batcar — que mal fiz eu para tanta desgraça junta...

*

*

*

Entretanto fez-se o crepúsculo, a cinza para enxugar o vômito à face da terra.

Abolém não sabe do que se passa na Casa Grande. Sentada no chão com as pernas flectidas, a pouca distância da sua casota, aquece os pensamentos, à chama da folhagem seca que arde debaixo do caldeirão de cobre, com água para o banho. Quando ao fim do dia de trabalho, regressam a casa, ela e o marido, assim como qualquer trabalhador naquela aldeia, não o dispensam, para matar a canseira. Banham-se ao ar livre, despejando a água do caldeirão sobre o corpo, com o auxílio de uma bilha.

Maus preságios assaltam o espírito da Abolém desde aquela conversa com as mulheres. Apoquentaa a demora do marido e a ansiedade em que se deve encontrar a Felicidade. Nem de longe lhe passa pela cabeça que a senhora se acha prostrada na cama.

Bapuço ajudou o Batcar a erguê-la do chão e a transportá-la novamente para o quarto e desapa-

receu. Deseja a presença da mulher. Quer estreitá-la nos braços, confundi-la com a sua carne, confiar-lhe os seus receios... Em vez disso, não sabe como, foi dar à taberna para desabafar, com copitos de aguardente, o seu desgosto.

O Batcar vigia o estado da esposa enquanto o médico não chega. Os coqueiros, com a rama descaída, aparecem-lhe como gigantes vencidos na arena do combate. Aproxima-se da janela, para tomar ar e desembaraçar-se das visitas que enchem o quarto da enferma. Não compreende a reacção da mulher; a história dos cuidados que ela põe na goiabeira. Afinal foi ela quem mandou ouvir o Bôto. « Ora! Pronto. Não se discute mais. Se calhar atraí mesmo o mau agouro... »

Abana as pontas do colarinho desabotoado. O calor apertado de uma forma insuportável. Não mexe uma folha de árvore. O hálito do Siva abafa a aldeia.

Na taberna animaram-se, com a notícia dos maus fados em casa do Batcar. Bapuço alijara a carga que lhe pesava na consciência. Pagaram-lhe copos sem conta para que ele falasse e lhes pusesse ao facto de tudo. E levantaram uma grulhada medonha, com os copos na mão:

- O diabo vai rebentar os celeiros do Batcar.
- E enguicou-lhe a mulher. Há-de pedir pelas ruas!
- Nua!
- Rota!
- Desgrenhada!
- Qual o quê? O Batcar é que está possesso.

Ninguém lhe rebenta os celeiros, nem lhe apanha um bago de arroz.

— Que morra como o demo!

— O gatuno!

— O filho da...!

Bapuço entrou em casa a cambalear. A mulher bispou-o ao longe naquele estado e esperou com mau modo que ele se aproximasse.

— A julgar que estarias metido em algum sarilho! — insinuou agastada.

— Isso querias tu! Mas, como vês, aqui estou inteirinho...

E o homem avançou para ela, arrastou-a pelos cabelos e começou a desancá-la.

Ela ainda conseguiu segurá-lo e, dominando a dor dos maus tratos, inquiriu:

— Que é que te disse o Bôto, Bapcheá?

— Que me querias esfolar! — E, num gesto brusco, empurrou-a para a agredir novamente. — Vai pintar a manta ao outro. Que é do arroz que te prometeu aquela cadela?

— Tens-me raiva, Bapcheá! Foi o Bôto! Mas que culpa tenho eu?...

Abolém rompeu num berreiro e clamou por socorro porque o marido espancava-a cada vez mais.

— Agarra-te ao pescoço da tua Batcan e chupa-lhe o sangue! — rosnava ele.

As mulheres acorreram aos berros da Abolém. Como a cena se passava no átrio da casa, ouviram tudo. E levaram as mãos à cabeça:

— Bapcheá, matas a mulher e matas o filho!

— Arre o diabo! Quem manda aqui?

Embargou-lhes o passo mas a alusão ao filho cortou-lhe a fúria. Riu-se, riu-se muito, às gargalhadas, até se curvar, amparando o ventre. E as mulheres assistiam à cena estupefactas. Cercaram a Abolém. Ele então saiu, deixando-as ali, para vaguear na rua e cantarolar com toda a força dos pulmões.

Ninguém lhe levou a mal a cantoria. Os homens reconheceram a culpa de lhe terem infligido a bebedeira, e confessaram o caso às mulheres. O Batcar metido nos seus cuidados não dava conta de mais nada. A própria Abolém carpiu grande parte da noite mas deixou-se vencer pelo cansaço e adormeceu.

No dia imediato, passados os efeitos do álcool, Bapuço acercou-se da mulher. Apesar de tudo invadiu-o um contentamento louco com o que ouvira às «santinhas».

— Porque não me contaste logo, mulher?

— Ainda me falas, desavergonhado!

— Esquece o mal e diz, diz que me vais dar um filho!

— Cala-te com essa!

— Calar-me eu quando sei que vou ser pai?

Agora! Já não entram comigo, sou homem como eles.

— Bapcheá!

— Alegra-te! Aquilo ontem foi um dia mau.

— Isso que te disseram não é verdade.

— Não é verdade?!

— Eu menti às mulheres.

— Mentiste?

— Eu menti, podes crer.

— Aboléma, de quem é o filho?

— O filho?!

— Cadela da rua! De quem é o filho?

Bapuço agarrou-se-lhe ao gasganete. Passou-lhe num triz a ideia da insistência da mulher para ele se incumbir do recado da consulta ao Bôto. Zombara dele e do seu amor improlífico. Ela sucumbiu ao contacto da sua tão estranha áscua. Não pôde falar. Os dedos do marido enterravam-se-lhe na goela e obstavam-lhe o fôlego. E quando se soltaram o corpo tombou sem vida. Bapuço recuou com os gaudinhos no ar; contemplou-a um instante, escancarando os olhos, e desapareceu.

Quando souberam da ocorrência, todos se precipitaram para a casa da vítima. A primeira a descobrir o crime foi uma vizinha que lhe fora pedir de empréstimo um pedaço de açafão. Debandou aos gritos, ao pôr os olhos naquela monstruosidade e atraiu a aldeia em peso. Procuraram o marido mas ninguém sabia dele. Passou o dia e a noite e desconfiaram. Tentaram uma rusga. Não serviu de nada. Três dias depois alguém comunicou que o cadáver do homem quase irreconhecível boiava junto à foz do rio.

— Afogou-se antes que desse tempo de sepultar a mulher, — comentaram os aldeãos — Pensar que foi ele que a matou!

Passam desconfiados, e, apressam o passo, quando por não haver outro, se metem pelo caminho junto à Casa Grande, esquivando-se até mesmo da sombra

da edificação nefasta. Mais do que nunca temem o agouro. Horrorizou-os o espetáculo da carne, reduzida à hediondez autêntica, testemunhado nos locais do crime. Duvidam do espírito que se libertou, para animar o rio e a ternura da «humus».

Com assomos de verde e de azul, de púrpura, de cinza e de prata, aquele rio abraça a aldeia, terra sempre noiva e desejada e, mais cioso em noites de invernía, arreia os ímpetos, ativo e encrespado, a arrefecer os vendavais.

Desde que soube do horrível sinistro, o Batcar, altas horas da noite no quintal, escavaca junto ao lugar donde arrancou sôzinho a goiabeira, obcecado pela ideia de que pode ter deixado ficar ali, por azar, alguma tênue radícula da árvore.

A mulher não se encara com ele. No quarto, onde se encerrou, arma incríveis labéus contra a cunhada quando esta lhe vai levar as refeições ao aposento.

F I M

Í N D I C E

A goiabeira	Pág. 11
A comadre	29
Regresso ao passado	45
Morte e vida	59
Os vivos resistem	69
A abalada	83

A SAIR BREVEMENTE:

«Viagem no D. K.—73» — (Novela).